



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ INSTITUTO DE  
CIENCIAS HUMANAS FACULDADE DE CIENCIAS DA EDUCAÇÃO – PARFOR**

**MARINES RIBEIRO DE BRITO**

**UMA ANÁLISE DA MODALIDADE EJA: EVASÃO E O  
ABANDONO NO MUNICÍPIO DE PAU D'ARCO – PA**

**XINGUARA – PA  
2020**

**MARINES RIBEIRO DE BRITO**

**UMA ANÁLISE DA MODALIDADE EJA: EVASÃO E O  
ABANDONO NO MUNICÍPIO DE PAU D'ARCO – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal do Sul e  
Sudeste do Pará – Campus Xinguara – como  
requisito parcial para a obtenção do grau de  
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora:

Profª. Drª. Terezinha Pereira Cavalcante

**XINGUARA – PA  
2020**

**MARINES RIBEIRO DE BRITO**

**UMA ANÁLISE DA MODALIDADE EJA: EVASÃO E O  
ABANDONO NO MUNICÍPIO DE PAU D'ARCO – PA**

Data de Defesa: 27/11/2020

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Campus Xinguara – como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data de Aprovação: Xinguara – PA , 27 de novembro de 2020

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Terezinha Pereira Cavalcante

---

Prof. Me. Davison Hugo Rocha

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Jariciane Cruz Setúball

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que tudo permitiu;  
A minha família que sempre compreenderam meus trabalhos;  
Aos amigos que me deram forças;  
Aos professores que me proporcionaram muitos ensinamentos;  
A todos que torceram por mim e que também comungam das opiniões  
e angústias a respeito deste problema.

“A escola não transforma a realidade, mas pode ajudar a forma sujeitos capazes de fazer a transformação da sociedade, do mundo, de si mesmo...”

(Paulo Freire)

## RESUMO

Para minimizar os problemas causados pelo baixo percentual de escolaridade do brasileiro, principalmente entre adultos e idosos, foram criadas leis que permitissem o acesso destes à escola, que também, minimizaram a distorção idade/série de muitos jovens estudantes do Ensino Regular. A Educação de Jovens e Adultos- EJA então nasce com estas duas tarefas e, de certa forma não tem cumprido muito bem, porém, tudo que cresce adquire proporcionalmente novas atribuições. São lacunas a serem completadas como aquelas deixadas pelo ensino regular a jovens que acumulam déficits e abandonam a escola ou trabalhadores que precisam voltar a estudar mais preferem outra dinâmica, mais compacta e voltada metodologicamente a um público adulto, com o enfoque pedagógico e didático diferenciado. É com esta visão que nos deparamos com a problemática do abandono, que muitas vezes é alheio a vontade do educando, mas que também pode ser falha nestas ações metodológicas e de uma postura didática sem o devido direcionamento para o público alvo, sem a devida sedução, imprescindível para o processo: ensino – aprendizado. Então o objetivo deste projeto é a busca desta premissa pedagogicamente falando, uma metodologia apropriada para aulas da Modalidade EJA, com ações e linguagens mais contextualizadas; dentro de uma proposta metodológica baseada em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo junto a profissionais e alunos que responderam a questionários semiestruturados e entrevistas abertas. Os autores foram, em geral, professores e pesquisadores da área, alguns que se posicionam tecnicamente com visões pedagógicas e outros com pegada mais histórica e pragmática; divididos em três sessões, além da introdução e da conclusão. Enfim, numa visão geral, pode-se perceber que o aluno entra na Modalidade EJA e não se sente engajado o bastante para concluir o curso em todos os seus ciclos, acabando se evadindo/desistindo/reprovando e entram em uma estatística meramente estatística; então este tipo de trabalho pode servir como um incentivo do diálogo e a procura de uma metodologia sedutora e apropriada.

**Palavras chave:** EJA. Abandono. Evasão. Metodologia.

## RESUMO

In order to minimize the problems caused by the low percentage of schooling in Brazil, especially among adults and the elderly, laws were created to allow their access to school, which also minimized the age / grade distortion of many young regular school students. Youth and Adult Education - EJA then was born with these two tasks and, in a way, it has not done very well, however, everything that grows acquires proportionately new attributions. They are gaps to be filled, such as those left by regular education to young people who accumulate deficits and drop out of school or workers who need to go back to school, prefer another dynamic, more compact and methodologically oriented to an adult audience, with a different pedagogical and didactic approach. And it is with this view that we are faced with the problem of abandonment, which is often unrelated to the will of the student, but which can also be flawed in these methodological actions and a didactic posture without due guidance to the target audience, without due seduction, essential for the process: teaching - learning. So the objective of this project is to search for this pedagogically speaking premise, an appropriate methodology for EJA Modality classes, with more contextualized actions and languages; within a methodological proposal based on bibliographic research and field research with professionals and students who answered semi-structured questionnaires and open interviews. The authors were, in general, professors and researchers in the area, some who are technically positioned with pedagogical views and others with a more historical and pragmatic footprint; divided into three sessions, including introduction and conclusion. Anyway, in a general view, it can be seen that the student enters the EJA Mode and does not feel engaged enough to complete the course in all its cycles, ending up evading / giving up / failing and entering a purely statistical statistic; then this type of work can serve as an incentive for dialogue and the search for a seductive and appropriate methodology.

**Keywords:** EJA. Abandonment. Evasion. Methodology.

## LISTA DE QUADROS

Gráfico-1 – A educação da EJA deve ser diferenciada a do Ensino Regular?.....	39
Gráfico-2 – Há maior evasão na Modalidade EJA que no Ensino Regular?.....	39
Gráfico-3 – Quais as maiores causas de desistência ou Locomoção na EJA?.....	40
Gráfico-4 – Qual deve ser a postura da escola quanto à Mobilidade do aluno?.....	40
Gráfico-5 – Para que você se matriculou na EJA?.....	41
Gráfico-6 – Você já repetiu algum ciclo da EJA?.....	42
Gráfico-7 – Qual o principal motivo para aluno da EJA abandonar os estudos?.....	43
Gráfico-8 – Qual principal mudança você considera importante na EJA?.....	43
Tabelas – Referentes às matrículas, aprovação, desistencia e idades dos alunos da EJA na escola: EMEF Paulo Hannemann:.....	44

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>SESSÃO 1 – A EJA NA HISTÓRIA BRASILEIRA, BREVE RETRATO.....</b>	<b>12</b>
1.1 – Um Breve Histórico Sobre a Institucionalização da EJA.....	12
1.2 – A EJA, Políticas Públicas e a Dialética da Barganha.....	15
1.3 – O Percorso da Modalidade EJA em Pau D’arco – PA.....	20
<b>SESSÃO 2 – METODOLOGIAS DIDÁTICAS E TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA EJA.....</b>	<b>24</b>
2.1. O Percorso Metodológico da Modalidade EJA.....	24
2.2 – O Educando como um Ser Inacabado.....	27
2.3 – As Tendências e Correntes Filosóficas e Metodológicas: Barco Parado Não Pega Frete.....	30
<b>SESSÃO 3 – DA PESQUISA.....</b>	<b>35</b>
3.1 – Análises Argumentativas dos Dados.....	36
3.2 – Análises Gráficas dos Dados.....	38
3.3 – Discussões Gerais dos Dados.....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>50</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

No Brasil, a constituição parte do princípio que todas as formas de educar visem o pleno desenvolvimento da pessoa; seu preparo para o exercício da cidadania; e a qualificação para o trabalho (BRASIL, Constituição Federal – Art. 205). A Modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos foi criada pelo Decreto nº 6093 de 24 de abril de 2007, para sanar um problema que persistiu por muito tempo no país, o baixíssimo percentual de escolaridade da população adulta brasileira.

O Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB-9.394/96, menciona que a Educação de Jovens e Adultos (assim como outras minorias que devam receber a educação de forma universal), uma significativa vitória dos movimentos sociais. Pois até então a população possuía pouco tempo de estudos, de forma geral, quanto mais idoso era a pessoa, menos tempo de estudos possuíam ela tinha.

Porém, o problema da baixa escolaridade entre jovens, adultos e idosos se mostrou bem maior do que o esperado tendo atualmente ainda salas de aulas desta modalidade que a tempos deveria ter sido extinta. Na verdade, o analfabetismo funcional e até mesmo o analfabetismo real se torna um verdadeiro desafio para as instituições ensino. As crianças que entram na educação básica na idade certa são vítimas deste processo, uma vez que o nosso modelo de educação por si só é excludente. Aqueles que vão ficando para trás no futuro serão alunos da EJA.

Sendo assim, não basta que uma criança entre na escola, na creche e conclua corretamente o tempo de estudos, mas deve haver toda uma construção do conhecimento que leve em conta todos os procedimentos teóricos – pedagógicos didáticos – metodológicos e políticos – administrativos. Afinal, a criança deve ter um ambiente escolar que lhe permita tirar proveito do processo de ensino – aprendizagem segundo o esquema de interpretação de Piaget.

Como descreve Coll (2007):

Os esquemas de Piaget de assimilação e de interpretação da realidade estão estritamente relacionados com sua capacidade de aprender e tirar proveito do ensino sistemático a propósito de um conteúdo escolar concreto como, por exemplo, os mecanismos de participação dos cidadãos no funcionamento de um sistema democrático. (COLL – 2007, p. 157)

Tais questões, que no passado, atrapalharam a real escolarização das crianças no tempo certo, produzindo uma grande massa de analfabetos e de pessoas com baixa escolaridade continua sendo os mesmos problemas que afastam das salas de aula milhares de pessoas na atualidade tais como a dificuldade de acesso, o baixo poder econômico bem como a oferta precária de vagas nas escolas por parte do poder público, persistem em diminuir os índices de rendimento e permanência na escola e ao mesmo tempo aumenta o número de não alfabetizado.

Porém, é evidente que há um percentual da população brasileira que é mais prejudicada, sendo pessoas da terceira idade que almejam ler e escrever pelo sonho de adquirir autonomia para viajar, fazer compras bem como ler a bíblia (no caso dos evangélicos); jovens que abandonaram a escola para trabalhar e que sentem a necessidade de estudar. Sabe-se que estas pessoas devem ter uma atenção especial por parte do sistema educacional, levando em conta, as novas tendências de uma educação em constante transformação.

Diante dos fatos aqui mencionados, este trabalho aborda aquela problemática em uma escola da rede pública municipal de ensino, localizada na sede do município do Pau D'arco no sul do Pará, com objetivo de analisar o processo ensino – aprendizagem na modalidade EJA no período noturno, considerando que esta modalidade apresenta um alto índice de abandono e desistência. Dessa forma, destacam-se os seguintes questionamentos:

- Quais os fatores que contribuem para o déficit de aprendizagem nas turmas da EJA no município de Pau D'arco?
- Quais fatores que contribuem para o abandono e/ou desistência nas turmas da EJA, no município de Pau D'arco?

Neste trabalho, considera-se como abandono escolar aquela situação em que o aluno vai gradualmente se esquivando da escola e não dar mais satisfação, enquanto a desistência é aquela em que, bom aluno saia repentinamente da escola, pegando transferência ou não, para trabalhar ou fazer afazeres domésticos entre outros, que pode ocorrer por questões culturais tais como machismo (ciúmes por parte do marido ou da mulher), questões políticas partidárias, intolerância racial e religiosa.

Para dar resposta a estes questionamentos foi aplicado um questionário semi estruturado com perguntas abertas, com a finalidade de que o entrevistado tivesse

condições apresentar sua narrativa de forma espontânea, uma pesquisa documental junto a escola pesquisada para averiguar o índice de abandono e desistência que será apresentado nas análises dos resultados.

Este trabalho se apresenta em três sessões, além das considerações finais, sendo assim distribuídos:

Na primeira sessão a Modalidade EJA é brevemente retratada na história Brasileira, basicamente dividindo-a em três partes principais: da chegada dos portugueses e dos jesuítas; das reformas pombalinas e nas atuais conquistas contemporâneas. Paralelamente, num também, breve histórico sobre a institucionalização da EJA, as políticas públicas e a dialética da barganha; finalizando com o percurso da EJA em Pau D'arco.

Na segunda sessão será abordado o percurso metodológico da Modalidade EJA, fazendo uma crítica àquelas metodologias que uma parcela dos educadores teima em utilizar, comodamente muito similar à do ensino regular. Mostrará o educando como um ser inacabado e que é mais crítico pela sua vivência, finalizando com “pinceladas” sobre as tendências e correntes filosóficas e metodológicas e suas possíveis influencias na metodologia da EJA.

A terceira sessão é a da pesquisa de campo, em que se comparam os dados obtidos com o referencial teórico e em forma gráfica de colunas, análises argumentativas dos dados; análise estatística em que se entrevistou o corpo técnico (secretários e gestora), os coordenadores pedagógicos e o corpo docente. Também se entrevistou os alunos em suas respectivas residências, com entrevistas abertas e questionários semiestruturados.

## **SESSÃO 1 – UM BREVE RETRATO DA HISTÓRIA DA EJA NO BRASIL**

A criação da Modalidade EJA vem junto com um estigma, da educação como algo incompatível a adultos e idosos, numa visão de que distorce o conceito de educação equivocadamente como se houvesse prazo para cessarmos o aprender. Mesmo assim, e independentemente de toda uma cultura que estigmatiza e cria tabus e paradigmas equivocados, a educação é um direito de todos e terá sempre pessoas dispostas a barganhar num processo dialético e político.

Sobre isso Haddad e Di Piero (2000) dizem:

[...] as características próprias da educação de adultos passaram a ser reconhecidas, conduzindo à exigência de um tratamento específico nos planos pedagógico e didático. À medida que a tradicional relevância do exercício do direito de todo cidadão de ter acesso aos conhecimentos universais uniu-se à ação conscientizadora e organizativa de grupos e atores sociais, a educação de adultos passou a ser reconhecida também como um poderoso instrumento de ação política. (HADDAD & DI PIERO – 2000, p. 113)

Isso pode ser visto ao longo da história educacional no Brasil, com inúmeros exemplos de superação e que conquistas das quais não se pode abrir mão, ao contrário, devemos estar atentos a possíveis discursos retroativos e retrógrados que podem parecer coerentes e moralmente corretos, mas que podem esconder armadilhas. Isso porque ainda há muito que avançar quanto a projetos pedagógicos, didáticos específicos para a modalidade.

### **1.1 – Um Breve Histórico Sobre a Institucionalização da EJA**

Com a chegada dos portugueses ao Brasil inicia-se também a atual rede educacional brasileira, sendo os jesuítas os primeiros a se portar como os interlocutores e tutores a serviço de uma classe social. Algo que acompanhará por muito tempo a educação brasileira, formar mão de obra minimamente capaz para o trabalho e cidadãos presos a ciclos exploratórios da economia brasileira, estando atrelada à classes sociais elitistas.

Conforme afirma Raymundo (1998):

A Ordem dos Jesuítas é produto de um interesse mútuo entre a Coroa de Portugal e o Papado. Ela é útil à Igreja e ao Estado emergente. Os dois

pretendem expandir o mundo, defender as novas fronteiras, somar forças, integrar interesses leigos e cristãos, organizar o trabalho no Novo Mundo pela força da unidade lei-rei-fé. (RAYMUNDO – 1998, p. 43)

Contudo, com o natural convívio dos padres jesuítas com os nativos, eles desempenharam, em parte, um nobre papel de “aliados de pequenas causas” dos índios, na medida do possível, o que irritava os coronéis e outros exploradores locais. Desta forma chegamos ao século XXI com um projeto em que se prorroga até hoje seu término, por inúmeros motivos, dentre os quais a falta de perspectiva dos educandos é uma dos maiores problemas.

Afinal, o Brasil estava longe dos grandes centros, sendo uma colônia de exploração de matérias primas, e mesmo estes, ainda não possuíam naquela época uma estrutura educacional abrangente, popular e de qualidade. Quase que sem avanços educacionais, muito menos para adultos. As primeiras tentativas de massificação das bases educacionais ainda se prendiam a motivações e premissas ideológicas e religiosas.

Mattos (1958) mostra da seguinte forma:

Quanto a planos e tentativas de organização de um sistema escolar extensivo a toda a população, abrangendo todos os graus de instrução como o entendemos modernamente, apenas começavam a surgir por essa época as primeiras idéias com Lutero e Sturm na Alemanha (1536), Calvino em Genebra (1538), Santo Inácio de Loyola (1540) e o Concílio de Trento (1545), em função da tremenda luta religiosa que desde 1517 abalava a Europa. Esse sistema escolar em gestação seria, apenas, um recurso estratégico nessa luta e, como tal, começava a ser discutido e ensaiado na Alemanha, França, Suíça e norte da Itália. (MATTOS – 1958, p. 41-42)

Mas esta é só a “ponta de cá”, pois apenas depois de mais de dois séculos em 1759 – “Alvará de 28 de junho de 1759” (Queiroz *ett all*: UEPB/UFRN – 2007, p. 7) com as reformas pombalinas, a educação brasileira deixa ter somente a versão jesuíta, porém muito longe de ser uma política de estado. Seria simplesmente capricho da família imperial, assim começa a trajetória educacional no Brasil e ainda não parece ter avançado muito; e mesmo com a população na escola, apenas o mínimo possível continua a ser explorado.

Sabe-se que a Educação de Jovens e Adultos está intrinsecamente ligada à história da educação brasileira como um todo, pode-se dizer que ela é fruto da tardia ação que assegurou o acesso e posterior permanência na escola a todos os brasileiros. Sendo, portanto, um conjunto de políticas públicas que se consolidou em

nossa carta magna, avançada para os padrões de países em desenvolvimento, na verdade, a nossa constituição é considerada moderna e cidadã.

Contudo a Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade educacional que está envolta em uma gama de fatos históricos, sociais, econômicos, políticos e humanos que se somam aquelas características pedagógicas e didáticas próprias da educação. O fato de envolver indivíduos que deveriam estar trabalhando e que, deveriam ter concluído o ensino fundamental no tempo certo, mas em virtude daqueles fatores não tiveram acesso.

Diante disso, supõe-se, que os que ingressam nas turmas da EJA tenham menos afinco para se dedicar aos estudos. Afinal não são mais crianças e possuem deveres e compromissos. Contudo, o que se percebe é que isso não é trabalhado nas turmas, na verdade, são temas “espinhosos” para serem tratados pela escola, pois sempre desembocam nas lutas de classes do proletariado e na questão da educação estar sempre em prol de uma camada da sociedade.

Castelli e Ribeiro (2014) ao discutir as metodologias aplicadas na EJA menciona o seguinte:

Com base na análise desse conjunto, os autores destacam algumas conclusões: que os adultos participantes de programas de alfabetização melhoram seus níveis de habilidades de alfabetismo, mas que os estudos não conseguem provar maior eficácia de uma ou outra metodologia de ensino, exceto uma delas, baseada no diálogo entre professor e alunos ao longo da leitura de textos (*reciprocal teaching*). (CASTELLI e RIBEIRO – 2014, p. 11)

Como nos mostra Castelli e Ribeiro (2014), quando a metodologia está embasada no diálogo e na troca de ideias, há a quebra da apatia e o rendimento educacional aumenta, por conseguinte, diminui as faltas e a evasão escolar. A aula para alunos da modalidade EJA não pode ter o conteúdo como centro, objetivos meramente burocráticos e avaliações simplesmente classificatórias, afinal uma das últimas coisas que aquele aluno realmente adulto ou idoso precisa é de um certificado.

Castelli e Ribeiro (2014) ratificam a importância de se conhecer os fatores que levam a resultados tão desiguais dentro de um sistema de ensino e suas medidas que podem mitigar a reprodução das desigualdades no campo educacional torna-se imperativo aos pesquisadores, gestores e educadores comprometidos com os ideais de uma educação democrática e promotora de justiça social, ou seja, o embate dialético que é desestimulado na escola (CASTELLI e RIBEIRO – 2014, p. 9).

Calado (2008) ao se reportar a preocupação com a educação de jovens adultos afirma que:

É inconcludente pensar numa escola onde não haja preocupação em diferenciar o sujeito, na sua singularidade, onde o processo de inclusão não seja percebido de forma consciente e extensivo a todo segmento da escola, principalmente no processo ensino aprendizagem de todas as modalidades e em particular, na educação de jovens e adultos, devido à relevância dessa modalidade de ensino na construção do conhecimento de pessoas que tardiamente ingressaram na escola, de forma que venha viabilizar e promover condições de desenvolvimento, considerando, as implicações de natureza social e cognitiva (...). (CALADO – 2008, p. 03)

O que isto quer dizer, senão a característica mais social, política e filosófica no retrato metodológico e didático de se tratar com o jovem e o adulto, afinal são educandos com outras perspectivas e indivíduos com certa bagagem cultural mais afiada. Educar uma pessoa que a qualquer momento pode sair da escola para ter que cuidar de um neto porque seu filho vai procurar emprego em outra cidade precisa ter mais atrativos, que o básico, para continuar estudando.

## **1.2 – A EJA, Políticas Públicas e a Dialética da Barganha**

Ensino Regular é o termo utilizado para denominar a modalidade de ensino em que a criança entra na infância, e segue de forma “ordinária” até concluir a educação básica. O termo: ordinária é a palavra mais adequada e sem o efeito pejorativo que o senso comum costuma utilizar. Na verdade, é aquela sem percalços ou condições especiais; ou até mesmo diferenciadas, como a Modalidade EJA, Modalidade Indígena, Modalidade Especial, porém há alunos que, por um ou outro motivo, não conseguem ou não podem se enquadrar nele.

Sem querer promover um tutorial, esta questão é algo que deixa nítida a condição do aluno da EJA, que em geral possui apenas o período noturno e não tem o tempo de uma criança para frequentar o Ensino Regular. Mas estas duas características não são as únicas que diferencia o aluno desta modalidade, são tantas diferenças que sua implantação também foi tardia, como nos mostram Haddad e Di Pierrô (2000), afirmando que:

Foi somente ao final da década de 1940 que a educação de adultos veio a se afirmar como um problema de política nacional, mas as condições para que isso viesse a ocorrer foram sendo instaladas já no período anterior. O plano Nacional de Educação de responsabilidade da União, previsto pela

Constituição de 1934, deveria incluir entre suas normas o ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória. Esse ensino deveria ser extensivo aos adultos. Pela primeira vez a educação de jovens e adultos era reconhecida e recebia um tratamento particular. (HADDAD, DI PIERRÔ – 2000, p. 110)

Verifica-se que, assim como o desenvolvimento social que manteve vários pertencentes a classes menos favorecidas no submundo cultural por muito tempo, e deu início a um crescente “abismo social” em todas as áreas, na educação não foi diferente em relação a políticas públicas. Afinal o que se queria eram pessoas minimamente aptas ao mercado de trabalho, o que automaticamente descartava preocupações com Educação Especial, Educação Indígena, educação inclusiva, gestão democrática, e a Modalidade EJA.

São transformações no foco como diz Camargo (2003):

(...) a educação, ao mesmo tempo em que é alvo da crítica de todos os matizes ideológicos por não responder às demandas sociais, passa por transformações de sua identidade histórica: de direito de cidadania – herdado do ideário liberal, da Revolução Francesa e do Estado de BemEstar, ou socialista – parece transformar-se a cada dia em um bem privado ou mercantil, isto é, moeda de troca entre indivíduos, entre indivíduos e organizações comerciais nacionais ou transnacionais, e mesmo entre nações nas suas transações mercantes. (CAMARGO et al – 2003, p. 727)

No que diz respeito à Educação Infantil e aos interesses populares, foi esta que sucedeu o ensino regular, na verdade apenas as creches, afinal eram onde ficavam “contidos” os filhos do proletariado. Nem mesmo a ordem de prioridades ou a própria metodologia tradicionalista de Auguste Comte, foi o suficiente para atizar o espírito questionador em escolas e professores. Pois os embates sociais que levaram aos poucos, ao atual ocorrido em que crianças começariam a ler e estudar antes de seus pais e avós parecia não constarem nas pautas tradicionalistas.

Freire (1996) é bastante enfático em suas palavras:

“quando falo de educação popular, é que tento que esta educação popular esteja, primeiro, a serviço dos grupos populares ou dos interesses dos grupos populares, sem que isto signifique a negação dos direitos dos grupos das elites. Não estou dizendo que devemos matar as crianças ricas, nem negar-lhes educação. Não, não é isto. Mas o grande objetivo da educação popular está exatamente em atender aos interesses das classes populares que, há 500 anos, estão sendo negados.” (FREIRE – 1996, p. 74)

Também estes mesmos alunos que iniciaram o processo educacional mais tarde que seus filhos e netos, iriam promover um grande número de evasão na modalidade EJA, ou seja, a educação não era vista com uma prioridade, pois ela

pouco estava atrelado ao mercado de trabalho. As metodologias didáticas e avaliativas continuaram da mesma forma, indiferentes a educação progressista, mais próxima da realidade adulta. Um dos grandes pioneiros da Educação de Jovens e Adultos foi Paulo Freire, considerado por muitos o patrono da educação brasileira. Segundo Eugenio (2004)

Na década de 1960, Freire é encarregado de organizar e desenvolver um Programa Nacional de Alfabetização de Adultos (PNAA). O convite foi feito pelo Presidente João Goulart e pelo Ministro da Educação Paulo de Tarso Santos. "Aprovado pelo Decreto 53.465, de 21 de janeiro de 1964, o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos orientados pela proposta de Freire previa a instalação de 20 mil círculos de cultura, que alfabetizaria 2 (dois) milhões de pessoas" (EUGÊNIO – 2004, p. 42-43).

Paulo Freire através do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos (PNAA) foi a primeira grande e relevante tentativa de fazer algo com tão grande relevância. Porém ainda com um cunho voltado para o mercado e pouco progressista, afinal ainda seguia conteúdos, metodologia e recursos da escola tradicionalista, existia apenas a preocupação de diminuir ou sanar o analfabetismo. Contudo o engajamento de percussores como Paulo Freire nos trariam futuros resultados constitucionais práticos e legais considerando que:

A nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96, dedica dois Artigos, no Capítulo II, Seção V, que reafirmam a gratuidade e obrigatoriedade da oferta de educação para todos os que não tiveram acesso à educação na idade própria. A Lei diz:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

(BRASIL – LDB 9394/96, Artigos 2, 3 e 4)

Esta pode com certeza, ser considerada uma marca divisória na educação brasileira e pode também ser pensada que o EJA tenha sido criado apenas com mais uma modalidade a suprir a uma demanda. Na verdade, sua tarefa é bem maior que essa e diz respeito a pessoas que tiveram pouca oportunidade social, econômica e cultural. Afinal uma pessoa septuagenária entra em uma escola apenas para escrever seu nome ou um pedreiro precisa de algum estudo para tomar conta de uma obra? Estes estão tentando retomar um ciclo que foi quebrado uma vez que:

Considerando a educação como uma produção cultural individual, e o sujeito “agente de transformação”, como importante integrante/construtor da história, dos valores fundamentais da cidadania e das relações sociais. Por está razão não podemos nos dar por satisfeito quando dizemos que a Educação de Jovens e Adultos (EJA), tem feito o seu papel. O que importa saber, para distinguir tal passagem, é que a EJA, não foi criada apenas para educar JOVENS e ADULTOS, e sim, para remodelar, reestruturar e corrigir, uma sociedade moldada por muitos séculos. Moldada na forma do esquecimento, da escravidão, da violência, do autoritarismo e interesses políticos variados, atrelados às mudanças do tempo. (MARQUES – 2018, p. 10)

O problema que Marques (2018) se refere, na verdade começa junto com a educação no Brasil, adquirida já com os monges e padre da companhia de Jesus, que conseguiam adesão das crianças e jovens, mas que vinham os índios mais velhos incrédulos, arredios e indignados àqueles novos valores. Os jovens reconheciam nos jesuítas, certas curiosidades ao ver tantos objetos estranhos e funcionais que eram suprimidas pelos os anciãos pelos os caciques e guerreiros.

O primeiro grande ponto de mudança foi à vinda de Marquês de Pombal junto com a família real, pois foi ele o primeiro organizador de um Instituto voltado para a formação de artífices e para trabalho junto à realeza. Naquele tempo ainda não se dava mínima para a inclusão social. Mesmo com o fim do império no Brasil o foco da educação ainda se mantinha elitizado, como ainda hoje, os poderosos mandavam seus filhos estudarem na Europa e alguns pobres sortudos se formavam em cursos técnicos como torneiros mecânicos, por exemplo.

Paiva (1985) sugere que: “[...] a instrução popular [...] se desenvolveu precariamente durante todo o Império, século XIX e grande parte do período republicano. [...] O censo de 1890 informava a existência de 85,21% de iletrados na população total brasileira” (PAIVA – 1985, p. 385). Isso ratifica o quanto as políticas públicas necessitaram de lutas e indignações para serem reconhecidos os mais básicos direitos do indivíduo, na educação isso não deveria ser diferente, pois:

[...] historicamente, em nosso país, as políticas educacionais não favoreceram que alunos das classes trabalhadoras realizassem um percurso educacional capaz de garantir o direito à conclusão da educação básica com formação integral. Ao contrário, a história de nossa formação social traz as marcas do passado colonial e escravocrata, da configuração de um capitalismo tardio e subalterno, de uma burguesia aferrada à prática de ações patrimonialistas sobre o Estado, privatizando o público a serviço dos interesses das elites políticas e econômicas. Assim, ao longo dos anos, a desigualdade e a exclusão social foram se ampliando no Brasil, resultando daí grande contingente da população que vive em situação de pobreza, que não concluiu a trajetória escolar e nem possui formação profissional qualificada (SHIROMA; LIMA FILHO – 2011, p. 727-728).

Nota-se que demorou muito tempo para que a educação brasileira começasse a levar em conta a popularização em curso para formação ética e cidadão. Na verdade, tal tendência foi à influência da cultura econômica por uma construção genuinamente brasileira. Apenas com a “semana de artes moderna” (1922) a população brasileira começa a juntar partes de uma “contra cultura” local como formas de combate a cultura anglo-francesa que estavam em voga.

Reconhecer a EJA como um direito a partir das décadas de Paulo Freire foi uma progressão lenta. Destacando-se as tendências progressistas para a educação, a criticidade e a tomada de objetos próximos à realidade dos que ele chamou de “educandos”. Atuando principalmente em comunidades de agricultura familiar campesina e com adultos, iniciou sua carreira no Nordeste brasileiro com método inovador utilizando-se da dialética.

Paulo Freire desenvolveu um Método em que a Dialética é fortemente empregada no processo educacional de alfabetização de jovens e adultos. Em seu Método há ainda, a aplicação da comunicação como fator de grande relevância. Freire lança mão da comunicação enquanto diálogo de construção do saber e do conhecimento e declara que este é o encontro de sujeitos interlocutores que procuram a significação do significado. Freire (1978) retrata que o método compreende ainda, o repensar o pensado e diante de tal a atitude ética, humilde e de se colocar a serviço da educação faz do ato de ensinar e aprender uma arte de humanizar. Freire (1978) evidencia que este método de ensino e aprendizagem destituiu o burocrata da mente e reconstrói caminhos. (PLÁCIDO & SOUZA – 2017, p. 01)

O método “freiriano” ficou conhecido mundialmente como levando em conta o diálogo como centro, o esclarecimento político, aulas a partir de elementos corriqueiros e da vida diária com recursos conhecidos e métodos avaliativos menos “bancário” como dizia. Criar uma educação que emancipasse o indivíduo de seu estado de alienação em relação ao “mundo das ideias” e que esta condição poderia libertar o homem de sua condição a margem do conhecimento. Sendo assim:

“O adulto analfabeto já encontrou seu lugar na sociedade. Pode não ser um bom lugar, mas é o seu lugar. Vai ser pedreiro, vigia de prédio, lixeiro ou seguir outras profissões que não exigem alfabetização. Alfabetizar o adulto não vai mudar muito sua posição dentro da sociedade e pode até perturbar. [...] (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 de dezembro, 1991).”

Acima está uma declaração que o prof. José Goldemberg, então ministro, deu ao Jornal do Brasil: Como se pode perceber, uma nota em um jornal conceituado do país que hoje receberia duras críticas já foi plausível a ponto de ser posta em meio á notícias. Mostrando a importância do trabalho e da obra freiriana, que foi continuada

por diversos autores até ser internacionalmente reconhecida, mas que ainda não é posta em prática de forma satisfatória.

Na década de 70 entram em cena os primeiros resultados de políticas públicas a partir de movimentos populares como o MOBRAL, os ensinos supletivos, a Fundação Educar e a EJA. Começava uma nova era de discursos de inclusão que culminaria com a constituição de 1988, onde a educação seria tida como direito universal e gratuito a todos os brasileiros, a educação como um todo deveria ser prioridade, não apenas uma ou outra modalidade.

### **1.3 – O Percorso da Modalidade EJA em Pau D’arco – PA**

É quase uma norma velada em que as vilas e outros lugarejos comecem com uma escola sendo requisitada por sua comunidade aos alunos que fazem uma demanda constituída de filhos de colonos, aldeões e afins, em geral, uma turma multisseriada de anos iniciais. Só depois de uma escola consolidada, os mais velhos começam a pensar em formar sua própria demanda que muitas vezes é oferecida antes mesmo dos alunos se disporem a estudar.

A sede do município de Pau D’ arco não foi a primeira comunidade, há quem relate que a Vila Boa Sorte e uma antiga escolinha chamada de EMEF Taboquinha foram respectivamente as primeiras localidade e escola do atual município. Outros dizem que o município se originou nas proximidades da Vila Pau D’arco que dá hoje nome à cidade, porém registra-se um número maior de pioneiros e patriarcas que afirmam ser uma determinada escola à beira da rodovia, a primeira a ser criada.

Segundos os mesmos, nem se cogitava aulas para adultos Os relatos da primeira escola iniciou-se, ainda na Vila São Francisco<sup>1</sup> lugarejo existente até hoje, e que faz parte geograficamente do território Paudarquense, na década de 70, em que a migração para essa região estava em acessão devido à exploração da madeira. Esse pequeno lugar recebeu aglomerações de famílias em sua maioria, de nordestinos que migravam de suas origens devido às mazelas provenientes da seca, conseqüentemente por melhores condições de vida.

---

<sup>1</sup> Nome concebido em homenagem ao senhor Francisco das Chagas Pereira conhecido por ser um recrutador de homem nordestino que se sujeitava a trabalhar na exploração de madeira, economia predominante na época.

Com a chegada dessas famílias, houve a necessidade de proporcionar estudos aos filhos desses emigrantes que, contando com a articulação do senhor Francisco das Chagas Pereira, mais conhecido como “Chicão” (mais tarde dado nome ao vilarejo), o mesmo em parceria com o Senhor Giovanni Queiroz<sup>2</sup>, implantaram a primeira escola. Dessa forma, por homenagem a seu fundador recebeu o nome de Escola Municipal de Ensino Fundamental Giovanni Queiroz.

### **Chicão**

Uma personalidade forte e marcante como sugere o apelido do senhor Francisco das Chagas Pereira, pioneiro, sendo um dos primeiros chefes de famílias que se instalaram na região e que influenciaram no crescimento do povoado e uma das pessoas que participaram da emancipação da cidade. Nascido em Sobral, no Ceará aos 27 de março de 1951, chega na região em 1972, trabalhando como empreiteiro nas fazendas (gato); pessoa que reúne pessoas para trabalhos braçais.

Semianalfabeto, porém sempre se mostrou desenvolto a ponto de ser vereador na primeira eleição em 1993, em que o senhor Gervásio de Sá se elegeu prefeito. Muitos dos que se aventuraram na região, começaram a trabalhar para ele; com o tempo o senhor Francisco abriu um bar e restaurante famoso na mesma vila que leva seu nome; se dedicou também a abrir o primeiro colégio para que os filhos dos colonos pudessem continuar na região, vindo a falecer em 2011.

### **Contexto Histórico**

Sendo assim, na década de 70, houve a construção da primeira escolinha da localidade, construída em maneira, adobo<sup>3</sup> e palha. Funcionava apenas uma turma multisseriada<sup>4</sup>, ou seja, formada por crianças de várias idades e conseqüentemente séries diversificadas. Devido o extrativismo<sup>5</sup> e beneficiamento vegetal essas famílias se fixaram em torno de duas madeiras então houve o início de vilarejos. Próximo à vila São Francisco formava se a Vila Pau D’arco, na primeira o número de habitantes já era considerado maior que o da segunda.

---

<sup>2</sup> Giovanni Queiroz - Giovanni Corrêa Queiroz é um médico, político e agropecuarista brasileiro. Chegou a ser cinco vezes deputado federal pelo estado do Pará, tendo sido também presidente nacional dos Correios e Secretário de Estado de Desenvolvimento Agropecuário e Pesca no Estado do Pará.

<sup>3</sup> Material em argila e palha ou estrume bovino, amassada com os pés e depois moldado com as mãos para construção rudimentar.

<sup>4</sup> Várias séries em uma turma e/ou sala de aula, com apenas um professor.

<sup>5</sup> Atividades de coleta de produtos naturais sejam estes animal, vegetal ou mineral.

Sendo assim, as crianças que moravam na vila “Pau D’arco” e nos arredores, pequenas chácaras, faziam o percurso de aproximadamente 01 quilometro a pé, até a EMEF Giovanni Queiroz, a turma funcionava no período matutino tendo como primeira professora a senhora Vilma Barbosa de Araújo, que atendia esses pequenos alunos naquele humilde casebre, formando assim muitos homens de futuro brilhante e de bem.

Com o ápice do extrativismo vegetal a Vila Pau D’arco, em meados do ano de 1979, e com o crescente número de habitantes, houve a necessidade de implantar uma escola no vilarejo, a fim de atender esse público, houve uma parceria entre a Igreja Católica e o então município de Conceição do Araguaia a quem pertencia o vilarejo. A comunidade precisava de uma escola, pois a demanda já era considerável para as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Iniciava – se aí a primeira Escola Municipal, chamada Pau D’arco localizada – se na avenida principal hoje BR 155, km 25; na escola era formada por classe multisseriada tendo como uma das primeiras professora “Divanir Antunes” e outros professores leigos, predominando o notório saber<sup>6</sup>. Depois de algum tempo houve um mutirão<sup>7</sup> entre pais, empresários para a construção de uma escola que contemplasse para os anos iniciais, finais d o ensino fundamental e posteriormente o ensino médio, surgindo assim a EMEF Paulo Hannemann<sup>8</sup>. Com o passar dos anos e devido ao crescimento do município, várias escolas foram criadas para atender comunidades de assentamentos, vilas e fazendas que depois foram concentradas em locais estratégicos para melhorar a qualidade e padrão de ensino. Dessa forma foram-se paulatinamente ofertando merenda, transporte escolar adequado, professores concursados e formados, livros didáticos, etc,. Apenas em 2005 o município oferta a modalidade EJA, turma comportas por adultos de terceira idade e jovens que não estudaram do ensino Regular.

As escolas que ofereceram foram a modalidade EJA foram:

EMEF Boa Sorte,

EMEF União, EMEF Paulo Hannemann.

---

<sup>6</sup> É qualidade do **saber** que merece atenção, respeito e aplauso. Pode até ainda não ter sido notado, nem aplaudido, mas merece ser notado, respeitado e aplaudido. Notável: digno de apreço ou louvor. ... **Notório**, portanto, é o que é notado, é conhecido, referido, respeitado e aplaudido, com ou sem merecimento.

<sup>7</sup> Mobilização coletiva para auxílio mútuo de caráter gratuito.

<sup>8</sup> Fonte: Marilene Ferreira do Nascimento – Professora concursada nascida e filha de pioneiros.

O público alvo consistia de idosos que sonhavam ler, trabalhadores que sentiam a necessidade de se adaptarem e jovens desempregados querendo maiores chances de entrar no mercado de trabalho. Em Pau D'Arco existem basicamente dois tipos de alunos nas turmas da EJA, o jovem que nunca estudou e se volta aos estudos, ou aquele que reprovou ou evadiu-se algumas vezes, este tipo de aluno, está ali em geral, por motivos profissionais.

Há também o adulto ou idoso, que não relaciona diretamente o estudo ao seu trabalho, sendo aposentado, trabalhador doméstico ou autônomo que ele encara a modalidade EJA, não mais como uma parte de seu estudo formal com aspirações profissionais. Mas sim como uma forma de passar o tempo com uma ocupação divertida ou fazendo parte da conclusão de antigos sonhos de aprender a ler e escrever, por diversas razões.

Como se pode perceber, existem inúmeros motivos para uma pessoa retornar à escola, sendo a Modalidade EJA a configuração que o Estado adotou para receber este público, com suas adequações de conteúdos e tempo condensados. Por este motivo o aluno da EJA é bastante heterogêneo e possui inúmeras nuances em relação aos seus sonhos, perspectivas e expectativas com relação à escola, à educação e aos seus próprios limites.

Atualmente no município de Pau D'Arco, mesmo sem estudos ou estatísticos, pode-se perceber um altíssimo número de analfabetos reais ou funcionais que poderiam estar cursando a EJA a maioria dessas pessoas é adulta ou idosa e alguns jovens que cursaram a 1ª e a 2ª etapa da EJA, mas não puderam ou não sentiram confortável na 3ª ou na 4ª etapa; há também aquele que abandonaram o ensino regular e nunca mais voltaram à escola.

Fonte: BRITO, Raimundo Mendes de. PROGRAMA DE INTERGAÇÃO MINERAL NO MUNICÍPIO DE PAU D'ARCO. Ministério de Minas e Energia; Governo do Estado do Pará. Belém, 1996.<sup>9</sup>

## **SESSÃO 2 – METODOLOGIAS DIDÁTICAS E TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA EJA**

As técnicas didáticas e as metodologias pedagógicas aplicadas nas aulas das turmas da Modalidade EJA precisam de padronização conforme à necessidade de

---

<sup>9</sup> Mais conhecido como PRIMMAS, se tirou desta bibliografia paráfrases de alguns pontos contidas nesta subseção.

seus públicos alvo, de acordo também com ações e pauta diárias mais adultas e atraentes. Os conteúdos e os exercícios precisam do mesmo jeito, uma adaptação para que os jovens, adultos e idosos se sintam atraídos e presos aos ciclos em que o professor expõe, explica e avalia.

As turmas da EJA têm um alto percentual de desistência em relação as outras modalidades de ensino, com certeza não há apenas uma causa que se possa dizer ser determinante para isso, contudo é necessário que haja motivação para que o aluno permaneça na turma e seja aprovado no final de ano. Mesmo porque o educador é um profissional que está, ou ao menos deveria estar, preparado para buscar alternativas para este problema em sala.

Logicamente este não é um desafio apenas do professor, também não é um problema apenas da escola, é algo que deve ser encarado por todos os que fazem a educação desde aqueles que trabalham em autarquias, secretarias e departamentos até todos os componentes da comunidade escolar. É uma proposta ousada, mas cabível, mas temos que ver o aluno da EJA como um aluno diferenciado, com experiência e criticidade já formada, porém ainda inacabado.

## **2.1. O Percorso Metodológico da Modalidade EJA**

O sistema educacional do Brasil é dividido em níveis de aprendizagem e em modalidade educacionais; a primeira divisão diz respeito a gradual evolução do educando, enquanto que a segunda atende a grupos de estudantes conforme suas condições e/ou estado provisório. Como por exemplo: Educação a Distância, Educação Indígena, Educação Especial...

Nesta se encontra a Modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos. Sem entrar no mérito destas divisões, a EJA deveria ser uma modalidade de ensino provisória, criada pelo Decreto nº 6093 de 24 de abril de 2007, mas que vem sendo prorrogado até agora. Tanto pelas suas virtudes de ser uma alternativa àquele jovem que depois de se empregar precisa voltar a estudar, como para aquele adulto que ainda sonha em aprender a ler e escrever. Ou até mesmo pela sua falha em até agora não ter cumprido sua meta inicial.

Não é uma tarefa fácil, na verdade, a meta de zerar o analfabetismo em um país continental e com uma situação socioeconômica como o Brasil pode até mesmo

ser considerada ousada e autoritária quando levamos em conta que o projeto não obriga ninguém a participar dele. Ficando a cargo apenas das estratégias metodológicas da própria modalidade e da sedução administrativa das escolas que a ofertam. Porém a educação brasileira vem sofrendo as influências de tendências metodológicas ao longo dos tempos. Para Araújo (2006):

A metodologia de ensino – que envolve os métodos e as técnicas – é teórico-prática, ou seja, ela não pode ser pensada sem a prática, e não pode ser praticada sem ser pensada. De outro modo, a metodologia de ensino estrutura o que pode e precisa ser feito, assumindo, por conseguinte, uma dimensão orientadora e prescritiva quanto ao fazer pedagógico, bem como significa o processo que viabiliza a veiculação dos conteúdos entre o professor e o aluno, quando então manifesta a sua dimensão prática. (ARAÚJO – 2006, p. 27).

Verifica-se que são tendências pedagógicas cujas características causam interferência na metodologia utilizada pelos professores da Modalidade EJA, por diversos motivos, seja pelo professor não mudar em nada o modo de ministrar aulas na sala de jovens e adultos no noturno, ou pela escola, que não oferece suporte pedagógico para que haja esta diferenciação. Porém o problema vai, além disso, pois a próprias estruturações curriculares dos conteúdos, a divisão das aulas e a junção de dois anos letivos em um, mostram a condensação equivocada.

Desse modo se levamos em conta que, na prática, professores e coordenadores não utilizam, na maioria das vezes, recursos didáticos e estratégias pedagógicas diferenciadas para o público alvo em questão, na maioria das vezes as turmas são atendidas com matérias elaboradas, confeccionadas e impressos para o Ensino Regular. O que se nota observando a metodologia da modalidade EJA, é que, há preocupação de baixar a taxa de analfabetismos no Brasil, sem, contudo, se preocupa com o modelo educacional oferecido.

A final a Modalidade EJA foi criada como política pública, para a inclusão de jovens e adultos na educação, mas antes dela veio o Projeto Mobral com intenções mais imediatistas e menos nobre de colocar mais pessoas no mercado de trabalho. Em resposta a críticas internas e externas de países parceiros comerciais e pertencentes a tratados e acordos com a nova organização que se criava.

A ONU – Organização das Nações Unidas, principalmente argumentou que:

O MOBREAL buscou provocar entusiasmo popular portando concepções e finalidades como a “erradicação da chaga social que era a existência de analfabetos” ou da consideração do analfabetismo como causa do desemprego, conteúdos presentes nos Livros-cadernos de Integração –

material didático próprio e massificado para todas as regiões do país (DCE, 2006 – p.18).

Isso quer dizer que ao se pensar em uma educação para jovens e adultos, não se pensou na formação destes indivíduos, mas na mera reorganização da força de trabalho e de uma medida paliativa em relação ao problema da baixa qualidade do empregado. Afinal quando estes alunos não continuavam seus estudos através de curso técnicos, poucos ou nada mudavam para ele. Apenas para seu prato que tinha um funcionário com capacidade de anotar recados.

Estas características iniciais, na oferta da modalidade, sem dúvidas provoca o questionamentos de viés ideológicos e políticos como: até onde se pode entrar com questionamentos críticos em relação às matérias e disciplinas ministradas na EJA? Ou, quanto metodologicamente e didaticamente à modalidade deve ser diferente do Ensino Regular? Questões que mesmo notoriamente importantes, são ignoradas na maioria das vezes.

Nogueira e Farias (2013) falam o seguinte:

O educador da EJA deve refletir crítica e sistematicamente acerca de suas ações educativas, justamente pelo fato da EJA ainda não possuir diretrizes e políticas públicas específicas para a formação do educador. A própria identidade desse educador não está claramente definida, encontra-se em processo de construção. Este profissional deve conhecer a EJA, sua construção como política pública, como responsabilidade e dever do Estado (NOGUEIRA; FARIAS – 2013, p. 10).

Toda oferta deve ser adequada ao público alvo que se pretende atingir, no caso da Modalidade EJA, o objetivo é: levar jovens e adultos a concluírem o Ensino Fundamental. Atualmente uma das maiores falhas que se pode nota neste compromisso está no fato da metodologia e recursos empregados não serem o suficiente para matem o aluno cativo, levando a muitas fatura no decorrer do bimestre (há causos de alunos que vêm apenas no dia de prova) e evasões.

## **2.2 – O Educando como um Ser Inacabado**

Não é novidade para ninguém o abismo socioeconômico do Brasil, mas as mazelas políticas não são (e nem devem ser) não adequadas para fazerem parte em matérias ou disciplinas que façam parte das grades curricular de alunos do Ensino Fundamental. Então fica claro o erro metodológico e didático da Modalidade EJA, pois

disciplinas como ciências, história e geografia deveriam ter outras matérias; também, as disciplinas de português e matemática não poderiam ter a mesma abordagem que se faz no Ensino Regular. Nas palavras de Freire (1988):

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela a sociedade tampouco muda. Freire (FREIRE – 1988, p. 33).

Diante disso, para que um aluno da modalidade EJA venha a se matricular em uma de suas salas-de-aula, não precisa de muita coisa, basta que ele queira ou necessite e que a oferta esteja disponível e acessível. Porém, mantê-lo estudando é mais difícil, pois é necessário manter a aula, agradável, útil e sedutora; como quando uma criança vê outras brincando em um playground, ela se sentirá impulsionada a ir participar daquela interação.

Mas, para um adulto, o playground iria funcionar? Viver em sociedade requer comunicação e interação contínua é o que acontece quando se entra em grupo de aproximadamente trinta pessoas. Um grupo de alunos da EJA certamente não vai encarar assuntos com política e economia da mesma forma que os alunos da Modalidade Regular. Na verdade, como fazem parte do mundo dos adultos, estes assuntos devem estar contidos nos temas geradores, por exemplo.

Contudo a criticidade e a postura autônoma, tão discutidas e estudadas nos cursos de formação de professores e de pedagogia, ao que parece, ficam esquecidas e reprimidas; guardadas no porão das técnicas didáticas e das teorias pedagógicas de cada educador. O professor adere à cômoda e segura educação meramente automática de conteúdos, métodos e recursos repetitivos e sem inovação, acomodado aos desejos da instituição.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (Freire – 1997, p. 58),

A escola busca no educando “um aluno a ser ensinado” porém isto poderia ser mais bem colocado como “adestrado dentro de um padrão”, afinal ela trabalha com números, tanto os que fornecerão dados para abrir-se as turmas, como os números estadísticos que justificarão sua continuação. Sem uma abordagem crítica e

libertadora ideologicamente, a escola não conseguira formar o aluno com a devida alfabetização real e/ou funcional.

Por outro lado, o aluno entende quando há algo errado sendo motivo da grande taxa de evasão da EJA, a educação bancária que funciona com o aluno em outra realidade, mas que não deveria ser sugerida aos alunos adultos. Isso porque, ao longo da vida o indivíduo está em constante mudança, um processo permanente em que o homem e a mulher se tornam educáveis na medida em que se dão conta deste fenômeno e se reconhecerem inacabados.

O processo dialético das barganhas políticas deve se dar a todo o momento, dê o mais clássico exemplo em que se vota numa eleição, até o convencimento de um/uma pretendente a conjugue; deve-se ter a noção de que o aprimoramento deste processo dialético abre as portas do sucesso. É na barganha social que se divide os postos em que cada indivíduo ocupa na sociedade, afinal as conquistas do cidadão não acontecem mais pela força bruta.

Isso faz da educação algo com uma importância inimaginavelmente ímpar, porém há sim certa ocultação disso por parte de uma camada social que tomou para si as benéficas do conhecimento formal, acadêmico e científico das creches, escolas, universidades e outras instituições. Esta discussão é de suma importância para os alunos da Modalidade EJA que, pela própria situação escolar, já se encontram em desvantagem em relação às pessoas com outras realidades.

Pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade aprendem observando, experimentando, fazendo, ouvindo relatos de experiências vividas por colegas, o que lhes permite construir caminhos singulares de compreensão. Esse conhecimento tácito dos estudantes é relevante no processo de ensino-aprendizagem, e o professor deve valer-se desse conhecimento para enriquecer seu trabalho. Entende-se que, na reconfiguração do trabalho didático na EJA, deve-se concretizar uma educação reflexiva, que considere os conhecimentos e estratégias de pensamento que os estudantes desenvolvem na prática social, o que lhes permitirá uma participação ativa e consciente na sala de aula e na sociedade. (CURITIBA – 2006, p. 61).

Compreender o mundo é uma tarefa fundamental para o homem atual; o seu futuro depende disso e ao entrar na escola, a criança independentemente do domínio da palavra escrita já está incluída em uma cultura que lhe dá e lhe cobra informações e habilidades como o domínio do computador e da internet, a interpretação de outras línguas e a leitura de um mundo financeiro que não se ensina na escola. Paulo Freire, o grande pensador da educação brasileira, sempre lutou para tirar o homem humilde

do “estado de alienação” para levá-lo ao “mundo das ideias”. Sendo este o maior dos problemas enfrentados pelo cientista humano.

“Desde Freire, a educação de jovens e adultos vem caminhando na direção de uma educação democrática e libertadora, comprometida com a realidade social, econômica e cultural dos mais pobres” (BRASIL – 2006, P.27). A escola pública no Brasil de hoje, tem um grande desafio; o de sanar a disparidade entre o seu ensino formal e a educação real que o mundo frenético e em constante mudança imprime nos dias atuais; lutando, assim, contra a desigualdade social.

Afinal ela está aquém do que se espera para uma instituição provedora dos subsídios intelectuais para se adentrar no mercado de trabalho de forma autônoma e competente. Mas para que isso se dê é necessário que conheçamos muito bem, tanto o local como a clientela da educação. Buscar a conscientização do ser como inacabado para poder aprender e ensinar e não estar apenas como um elemento do sistema educacional, mas apito a fazer parte da sociedade.

Com maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer. (BRASIL – 2000, p. 56).

Como se pode notar, não apenas os métodos, ações e recursos devem ser diferenciados na Modalidade EJA, mas principalmente o professor, que deve compreender o diferencial da modalidade. Se a função da escola é dar condições e suporte, e a função do professor é promover um aprendizado crítico e que interfira na realidade. Isso pro que devemos nos esforças em diminuir a distância entre o discurso e a prática de leva um ensino que promova a autonomia.

Tal autonomia precisa ser responsável filosoficamente, ético e didático (sem ideologias ou qualquer viés político-partidário); porém, sem amarras de programações administrativas que estejam fora do contexto pedagógico. Ou seja, imparcial e profissionalmente dentro da grade curricular da disciplina e da etapa ministrada, apenas seguindo o direcionamento disciplinar das questões inerentes ao que se esteja estudando, sem achismos.

[...] proposta intencional e planejada, que visa à mudança do educador através de um processo reflexivo, crítico e criativo, conclui-se que ela deva motivar o professor a ser ativo agente na pesquisa de sua própria prática

pedagógica, produzindo conhecimento e intervindo na realidade. (FALSARELLA – 2004, p. 50).

Não há razão para ser diferente abordagem do professor principalmente com os alunos da EJA que já são maduros o suficiente para entender certos assuntos com determinado tipo de objetivo. O professor deve saber disso, ele pode e deve ser o “mediador” de conteúdos com assuntos distintos daqueles próprios para crianças do ensino fundamental e que pode ser desenvolvidos nas aulas da EJA; ações com certas “nuanças adultas”.

### **2.3 – As Tendências e Correntes Filosóficas e Metodológicas: Barco Parado Não Pega Frete**

O ideal para qualquer sociedade é sua contínua evolução, sendo que estagnar é o mesmo que retroceder, afinal o natural é que os outros povos países e similares continuem em seu processo de crescimento, não ficando estacionado ao lado de quem para. Sendo o final do século passado, um período de grandes conquistas e avanços sociais, precisamos estipular metas e continuar no mesmo ritmo de crescimento sem perder o foco.

As conquistas nos últimos anos não podem parar muito menos retroceder, após o fenômeno social da universalização da oferta de vagas de estudo, por exemplo, vem a natural necessidade de se buscar a padronização e qualidade dessa oferta. Mas não entre modalidades de ensino, pois as modalidades de ensino são justamente às macro divisões que existem por condição temporária ou fixa de condições e especificidade de aprendizagem.

A Conquista dos direitos educativos encontra na EJA um exemplo de luta e de (re) criação de paradigmas educacionais. A história da EJA nos revela um processo de avanços e recuos, tendo uma dinâmica específica a partir do século XX. Se, por um lado, é nesse período que o Brasil avança na consolidação de sua identidade e autonomia política e econômica enquanto nação de vocação própria, por outro, as lutas sócias também vão consolidando e conformando sua identidade cultural. Nesse processo a EJA acumulou muitas especificidades, as quais lhe atribuem, nos dias atuais, uma forte identidade. (PAULA – 2011, p. 15).

É sabido que a criança não aprende ignorando um aspecto da sua vida e potencializando outro, isso porque seus sentidos ainda estão em formação e se entrelaçam para desenvolver o processo cognitivo de forma contínua e gradual,

protagonista e lúdica. Afinal, uma pessoa não perderá tempo em tentar internalizar uma informação que lhe cause preguiça, tédio, aversão, etc., na verdade a apresentação das disciplinas devem ser sedutoras e atraentes; que despertem na criança a curiosidade e o interesse, como se pode ver nas horas em que a criança busca por ele mesa interagir com o meio.

Contudo o adulto precisa embarcar em outra sedução; a de ser um produtor de sua própria cultura. Como uma pessoa simples e de baixa renda mensal, pode-se usar um dito popular: “barco parado não pega frete”; ou seja, aquele barqueiro e seu barco que fica guardado e não vai para beira do rio barganhar e oferecer o seu serviço não tem a opção de ganhar o seu sustento diário.

Expressão muito utilizada e que dialeticamente pode ser definida como “produzir junto aos outros” em coletividade, como os pescadores que trabalham junto, mas cada um por si (muitas das vezes um ajuda o outro com seu frete, sabendo que virá a recíproca). Mas esta expressão não diz respeito apenas a pescadores, hoje é utilizado por todos, na verdade, os “mais velhos” a usam bastante sendo possível até utilizar método educacional de contextualização.

No livro: Juventude Negra na EJA: o direito à diferença, Natalino Noves da Silva (2010) entrevistando uma turma de EJA de jovens negros em uma escola municipal de Belo Horizonte na busca de compreender o sentido de escolarização atribuída pelos mesmos na modalidade de ensino. Ou seja, como os alunos veem as aulas naquele contexto onde parece que a educação não foi desenvolvida pensando em você e que não é apropriada.

Durante a aula de português percebo que alguns /mas jovens alunos /as demonstram bastante curiosidade com os temas que estão sendo discutidos, principalmente quando lhe são apresentados exemplo que dizem respeito direta ou indiretamente á sua realidade de vida. A cada instante durante a aula uma novidade, um exemplo e uma experiência vivida tanto pelo alunado jovem quanto pelo adulto surge, o que possibilita uma interação de relações que são estabelecidas entre os/as jovens e adultos com a professora (Diário de campo, 19/02/2008). (SILVA – 2010, p. 26-27)

Com se percebe, a educação na Modalidade EJA, precisa ter sua própria identidade didático-pedagógica e metodologias contextualizadas para que se possa manter um aceitável percentual de aprovados, na verdade, evitar-se a maior parte das desistências. Tais metodologias podem vir de acordo com as tendências pedagógicas da educação, eu no Brasil se divide em liberais e progressivas.

Não que cada uma delas deva ou até mesmo possa ser escolhida e adotada por uma escola, ou por um professor, contudo a escola deve ter em mente que o seu legado para a comunidade na qual está inserida e para a própria sociedade é o seu comercial. Ou seja, a fama de toda instituição educacional está ligada a uma ou mais dessas tendências, é algo que leva a formação do professor e do coordenador pedagógico a manutenção do nome da escola.

De certa forma cada tendência pedagógica nasce dentro de um contexto histórico, local e representando um público alvo, que no momento também pode ser uma ou mais classes sociais ou outro tipo de grupo. Daí estas tendências serem pertencentes ao Brasil, mesmo havendo outras parecidas em outras partes do mundo e que pertençam a grupos similares e equivalentes, as que foram desenvolvidas aqui possui íntima ligação conosco.

Quanto às Tendências Liberais, Filho (2011), adverte que:

Libanêo não difere muito de Saviani, quando considera que a pedagogia liberal tem por função preparar o indivíduo para papéis sociais, de acordo com aptidões e interesses de cada um. São as pessoas que devem se adaptar às normas e às condições existentes na sociedade, onde as relações de classes sociais não são consideradas. [A pedagogia liberal] busca a igualdade sem as grandes mudanças sociais. (FILHO – 2011, p.12)

Dentro desta visão, não há margem para especulações autocríticas, pois ela se propõe a formular práticas metodológicas e ações didático-pedagógicas voltadas a habilitar, para o mercado de trabalho condicionado, um público alvo de forma alheio a questões socioculturais dentro de sala. Nascida junto com a noção de educação formal e sistêmica atual começou em grande consonância com os pilares do ideal filosófico positivista.

Com o passar do tempo, as críticas a uma forma de educar ríspida e inflexível foi inspirando mudanças dentro das próprias tendências liberais, ao longo das contribuições das visões progressivas, do escolanovismo e até mesmo das escolas técnicas. Estas últimas, mesmo vistas como o extremo do positivismo comtiano, caiu de certa forma, nas raças de jovens e adultos. Saviani (2010) ressalta sobre a pedagogia tecnicista afirmando que:

Com base no pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, a pedagogia tecnicista advoga a reordenação do processo educativo de maneira que o torne objetivo e operacional. (SAVIANI – 2010, p. 381)

Um aluno da Modalidade EJA poderia considerar muito interessante que todas as escolas fossem tecnicistas, afinal é alguém que não possuiu muitas alternativas de emprego e renda. Contudo, mesmo nas turmas da EJA existem pessoas bem empregadas que não julgavam necessário um certificado do Ensino Fundamental; ou mais ainda que fosse precisar ler algo, interpretar e, a partir, dessa leitura e interpretação produzir no trabalho.

Como no caso de relatórios por um bom empregado que ao ser promovido a gerente, ou simplesmente por um embalador eu precisa seguir uma planilha e saber ler preços, marcas, quantidade, peso, litros..., etc. Também há alunos que querem produzir textos corriqueiros do dia-a-dia por mero capricho, pra preencher o tempo, pra melhorar a autoestima; muitas das vezes pode ser uma pessoa com bons argumentos, mas que nunca se preocupou em estudar.

No Brasil, a macro divisão atual das tendências pedagógicas se confunde com as obras de Paulo Freire, na verdade a sua influência nos pensamentos progressistas trazidos de fora se tornaram um marco mundial e estudado em grandes universidades. Contudo há inúmeros nomes que podemos estudar, os quais tiveram como princípios centrais falaram e escreveram contra a “falta de ligação entre a educação e a produção sociocultural”.

E incrivelmente, esta é a tônica da crítica que ainda se pode imputar a metodologia da Modalidade EJA, aulas sem conexão com o contexto, com a comunidade, com a vida e cotidiano do aluno. Tirar o aluno, principalmente o jovem e o adulto, daquele marasmo de alienação e levar para “o mundo das ideias” é o que mais a educação progressista se propõe. Desde a Libertadora como a Libertária e a Histórico-Crítica, como mostra Paulo Freire, Filho (2011):

Essa tendência prega o engajamento político do professor e aluno, com consciência da realidade, para buscar a superação do capitalismo, descartando a educação bancária, tradicional e enfatizando uma educação contextualizada, dialética, dialógica, com conteúdos extraídos da realidade social, e a escola fazendo a mediação. (FILHO – 2011, p. 46).

O hiato entre a visão liberal e a progressista não é apenas classificatória, mas significa uma ruptura com o positivismo que abrange as tendências liberais e se comportam como sendo promovida por uma parcela da sociedade ao invés de algo democrático. Tal ruptura é uma natural forma de avanço social, um fenômeno que ocorrem em todos os países que se abrem a democracia de forma mais lenta como ocorre ainda nos países latinos.

A “libertação”, muito usada para definir termos de cunho sociais toma um significado amplo, mas decisivamente combatente do estado apático das classes menos abastardas da sociedade, as quais são o público alvo da Modalidade EJA. Afinal, a educação para este segmento, deve ser libertadora a ponto de mostrar quem somos e nossas funções na sociedade como um viciado, que precisa ter consciência de que tem um problema para assim sanar os problemas dele advindo.

É o empenho em tentar compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico objetivo. Portanto, a concepção pressuposta (...) é a do materialismo histórico, ou seja, a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da essência humana. No Brasil, esta corrente pedagógica firma-se a partir de 1979. (SAVINI – 2008, p. 89)

Acima, Saviani (2008), ao exprimir o significado do termo pedagogia históricocrítica, nos dá um bom exemplo de como acontece à atuação dos ideais progressistas quando fala da educação tomando uma postura histórica para se buscar as determinações da “essência” humana. Ou seja, os interesses e condicionamentos para todas as ações, tirando o Estado daquela pseud. imparcialidade e neutralidade de classes.

### **SESSÃO 3 – DA PESQUISA**

A pesquisa acompanha a problemática da evasão na Modalidade EJA, mas que encontrou sua raiz nos primeiros anos do Ensino Regular e sua mais instigante consequência na falta de oportunidades sociais. Uma das maiores preocupações seria auxiliar no acompanhamento junto à família e a escola, justamente o aprendizado pelo ato de aprender. A criança envereda pelo caminho errado, por falta de informação continuando um nefasto ciclo.

Este trabalho que deveria ser originalmente, de questão da Modalidade EJA, acaba se tornando de cunho pedagógico e didático, além de sócio educativo à família e parentes. Natural, se tivermos este projeto como “Preventivo”. O processo cognitivo se dá quando ocorre o armazenamento do conhecimento no cérebro do aluno. Para Piaget, este processo acontece dentro do biológico; do natural desenvolvimento físico e mental do indivíduo, e que é um processo contínuo em forma de fases.

O fato é que as relações sociais, quando perturbadas (no grupo social, no contexto próximo, na família), podem ser a fonte de patologias sérias, devidas precisamente, à ação de mecanismos descobertos por Vygotsky. Do mesmo modo, os “instrumentos” culturais, sempre graças aos mecanismos de Vygotsky, não podem ser agentes de formação mental; eles contribuem igualmente para desenvolvimento geral, por exemplo, no caso da formação de espíritos fechados, dogmáticos, estéreis, exatamente porque os indivíduos tiveram interações com produtos da cultura que eram portadores de instrumentos e de mensagens dessa natureza. (IVIC – 2010, p. 29).

Outro grande pensador que nos mostra de forma apropriada o processo do desenvolvimento cognitivo é Vygotsky, que deixou um grande legado bibliográfico pela sua importância e inovação. Ele, porém, como sócio interacionista, considera a escola ainda mais importante, pois ela é parte do meio a qual o aluno precisa interagir para a formulação do conhecimento. Conhecimento este, que é parte do processo de interação com o meio.

Para Piaget, o desenvolvimento do pensamento é a adaptação do indivíduo ao meio físico e social, ao passo que para Vygotsky o desenvolvimento do pensamento é um processo em que o sujeito transforma e é transformado pela realidade física, social e cultural em que se encontra. (SOUSA & KRAMER – 1991. P. 1)

Com tudo, as congruências entre os pensamentos são muito maiores que os pontos de divergências. Estes pontos acabam se tornando irrelevantes no sentido de contribuição do desenvolvimento cognitivo, pois este é, segundo as duas teses, um processo biológico. Em suma, corpo e mente é aprendizado assegurado.

### **3.1 – Análises Argumentativas dos Dados**

Todas estas análises sugeridas pelos grandes pensadores estão, de modo geral, corretas e perfazem o todo pedagógico que é utilizado na escola. Os grandes nomes como: Vygotsky, Piaget, Paulo Freire, Libâneo e tantos outros, moldam as

metodologias escolares por todo o Brasil; mas, e quando não é a habilidade e a competência que são promotoras dos educandos, mas sim o berço social do qual ele precedeu, quando não é a sua força de vontade que conta?

A situação sócio-econômica do estudante condiciona não só sua entrada para a escola como também constitui uma série de restrição durante toda sua trajetória escolar. [...] Em outras palavras, o êxito escolar está condicionado pela capacidade econômica do estudante. (GUTIÉRREZ – 1988, p. 26-27)

Gutiérrez (1988) afirma que uma pessoa é considerada inteligente ou não, habilitada ou não, competente ou não, conforme a sua posição social; lógico que é uma crítica ao modelo educacional. Este estudante é considerado evadido ou não, desistente ou não apenas por uma definição burocrática; sem a mínima preocupação de motivos de causas ou efeitos que isso possa ter na vida do aluno ou da escola.

Para o aluno especificamente, seria muito mais real e justo não se definir como evadido uma pessoa que não foi ouvido. A escola simplesmente vai lhe taxar como evadido, tirando sua responsabilidade e transformando o aluno em uma estatística ruim. Porém, não é este o compromisso social e humano das instituições escolares; também não é esta que deve ser a postura segundo a LDB, devendo a escola ser um elo entre o Estado e a sociedade. Pensando desta maneira a escola chegará ao conceito de Mobilidade, que é a busca da subsistência que deixa a educação em segundo plano na vida do educando (fenômeno social que está além da força do cidadão).

Esta situação se ratifica na pesquisa de campo desenvolvida em uma escola da rede pública municipal da cidade de Pau D'arco – PA. Isto para uma análise de levantamento dos dados, confecção de um relatório gráfico e estatístico, analítico e crítico; com as propriedades acadêmicas e científicas nas normas da ABNT que servira como a base para um futuro trabalho acadêmica. Porém, estes mesmos dados deverão servir de base também, para formulação de um informativo a quem interessa possa; seja uma instituição, profissional de alguma área de trabalho que o possa utilizar, ou cidadão comum.

É o abandono da escola antes do término de um curso. Vários fatores contribuem para isso, aviltando entre outros, o pauperismo, como o mais ponderável. No ensino de 1º grau, a evasão escolar é mais acentuada a partir da 3ª série, pois que as crianças do meio econômico precário, tendo atingido uma idade em que os pais as consideram capazes de os ajudar, passam a prestar pequenos serviços no lar ou fora do lar, contribuindo muitas vezes financeiramente para o sustento da família (ÁVILA – 1992, p. 273)

Tanto nas pesquisas bibliográficas, que referendaram este trabalho como na pesquisa de campo, em entrevistas e questionamentos confirmaram as palavras de Fernando Bastos Ávila (1992). Muitos alunos da EJA, que são mais velhos, alegaram entrar no programa antes de vínculos empregatícios tanto seus como de filhos e até de netos; são muitas vezes mulheres que tem que cuidar de crianças de seus parentes.

Na verdade este é apenas um exemplo dos vários que podem ser colocados. Muitos entram na EJA quando não estão empregados e saem assim que conseguem alguma ocupação no mercado; isto não deveria ser quantificado como evasão escolar, mas sim um problema social pertinente à escola, afinal, o aluno sair da escola por conta própria é uma coisa muito diferente de ele ser forçado a optar pela vida particular ao invés do estudo.

Há um grande problema de desigualdade social no país que afeta em cheio a escola, a desigualdade social que cria a falta de oportunidade. O problema da falta de oportunidade que alguns indivíduos possuem em se colocar e se manter no mercado de trabalho; afinal a maioria, não possui uma profissão definida e não tiveram as oportunidades educacionais necessárias para serem profissionais devidamente reconhecidos e atuantes. O aluno da EJA, diferentemente do que se possa imaginar não tem o tempo disponível para algo que lhe seja favorável intrínseca ou extrinsecamente.

Vista, inicialmente, como um contraponto à motivação intrínseca, a extrínseca caracteriza-se pela realização da ação pelo indivíduo, visando ao reconhecimento ou o recebimento de recompensas materiais ou sociais. Enquanto a motivação intrínseca é tida como autônoma, a extrínseca se relaciona com o controle externo (BORUCHOVITCH – 2008, p. 32)

Motivações que se mostraram extremamente pobres tanto de números e elementos como da qualidade dos mesmos. Ou seja, o aluno adentra na Modalidade EJA na esperança de conseguir alento à sua falta de perspectiva, mas se depara como uma escola incapaz de lhe fornecer esperanças; daí se dá a mobilidade do indivíduo na qual ele precisa de algo e vem buscar na escola onde não é contemplado. Mas como se contemplar as expectativas deste aluno na educação da EJA? Esta pergunta em si mesma possui a resposta, pois ela é proveniente da falta de representatividade da educação brasileira.

Afinal, a partir do momento em que o Estado exclui a participação de uma determinada classe, ela condena esta mesma ao fracasso escolar. Para um estado

democrático de direito, é necessário haver a participação de todos, tanto nas decisões, como na participação em todos os âmbitos; é necessário haver equidade, justiça social e quando for necessário, o amparo aos que de uma forma ou outra se encontram excluídos deste processo. O Estado tem o dever institucional de promover a harmonia e a igualdade entre todos os cidadãos; as riquezas, os benefícios devem ser repartidos de igual forma.

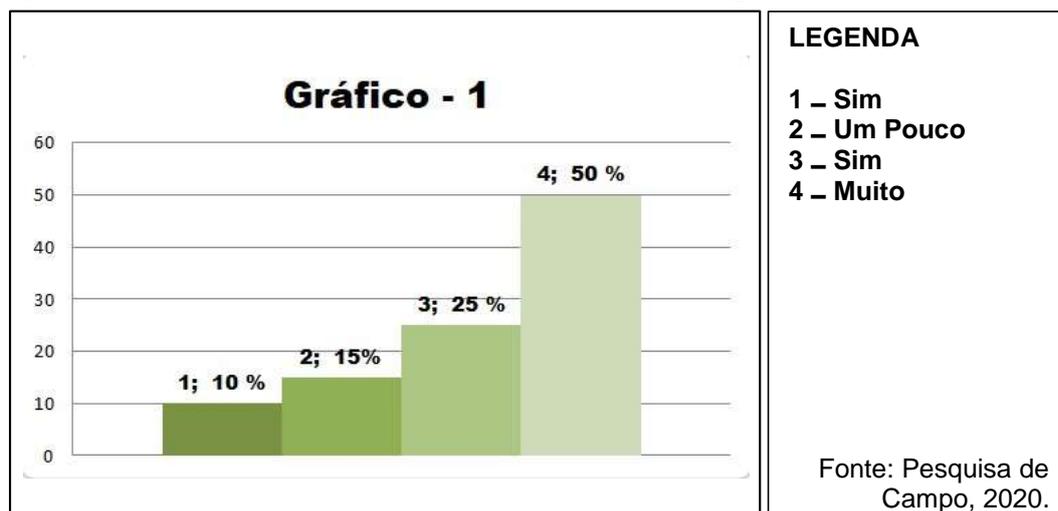
Também não é justo estigmatizar estes excluídos sociais, pois eles possuem os mesmos direitos constitucionais, tanto do remediado social como daquele privilegiado. A escola como instituição provedora do conhecimento e intimamente ligada a comunidade, tem o papel legal e moral de identificar e agir nestes casos, ao contrário do que se tem atualmente, rotulando como evadido e esquecendo. A escola tem o dever de ser engajada social e promover a criticidade em todos os âmbitos sociais, ela deve interferir e estar próxima ao aluno.

### 3.2 – Análises Gráficas dos Dados

Nesta parte do trabalho, se dará o desenvolvimento da análise gráfica, um importante espaço para se ter uma boa noção das questões objetivas. Como já foi citado na introdução deste trabalho, foram utilizados nas pesquisas de campo, questionários mistos, com perguntas fechadas e objetivas aos alunos, professores, corpo técnico e pedagógico; e estas forneceram dados para as análises gráficas.

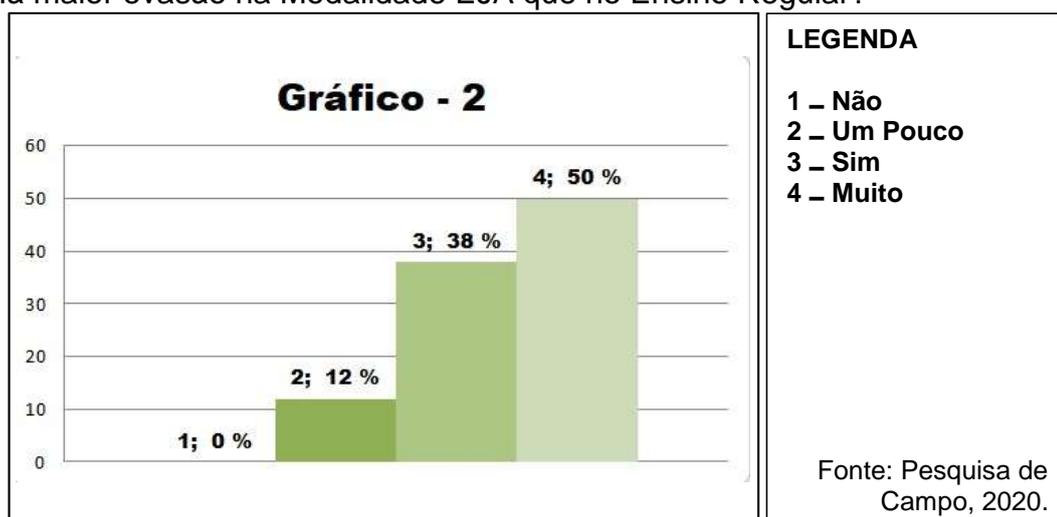
#### Corpo Técnico Pedagógico e Docente

1 – A educação da EJA deve ser diferenciada a do Ensino Regular?



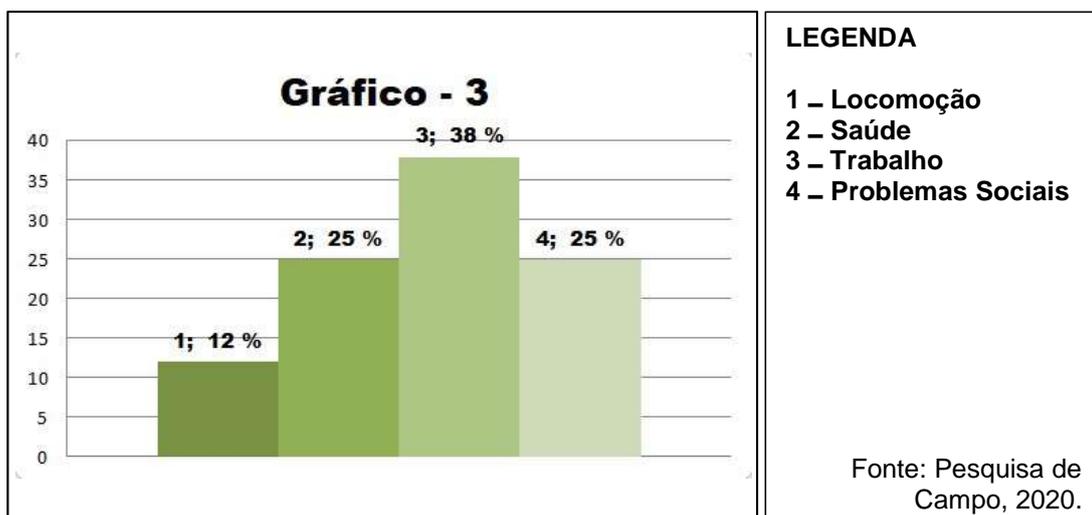
É bastante clara a vontade por parte do corpo técnico pedagógico e dos professores em promover uma educação diferenciada na Modalidade, mas é fato também que este é um problema institucional que acomete a Modalidade em todo as redes publicas municipais. A Modalidade EJA é um projeto de medida paliativa e hoje, está se dando continuidade a um programa que já deveria ter acabado. Ou seja, os projetos de educação de jovens e adultos são provisórios, não havendo umas preocupações duradouras e mais avançadas.

2 – Há maior evasão na Modalidade EJA que no Ensino Regular?



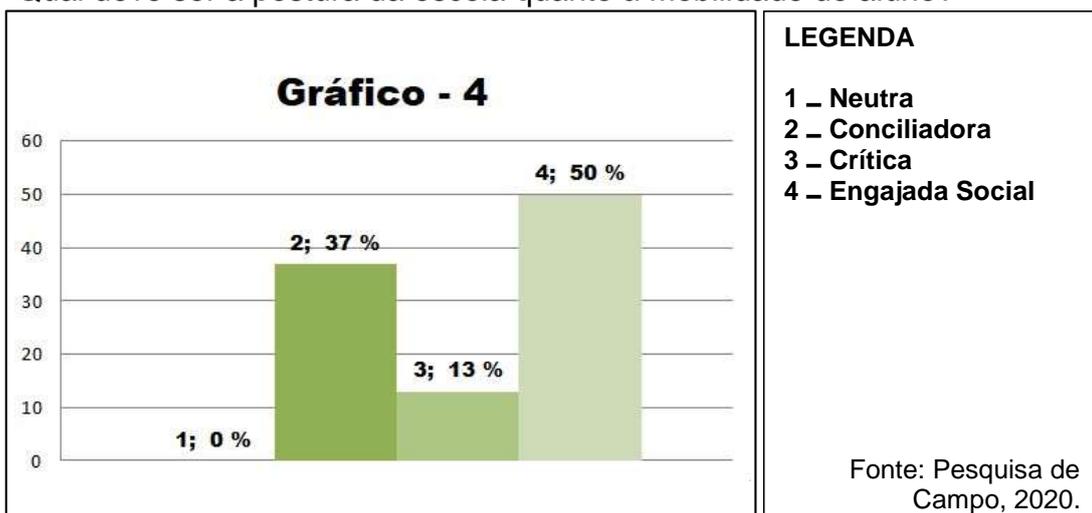
Nota-se que o ensino na Modalidade EJA está sempre em função da vida social e profissional do aluno, aliás, este nem era pra ser aluno; era pra ser um profissional estabilizado que a noite tivesse folga do seu trabalho e com sua família.

3 – Quais as maiores causas de desistência ou Locomoção na EJA?



Este é o gráfico (gráfico – 3) com maior igualdade entre as alternativas, seja porque este é o conjunto de fatores determinantes para a Mobilidade do aluno da EJA. Lembrando que a Mobilidade, diferentemente da evasão é um fenômeno que obriga o indivíduo a deixar os estudos para cuidar da sua vida social, da sua saúde, ou da sua vida profissional.

4 – Qual deve ser a postura da escola quanto à Mobilidade do aluno?

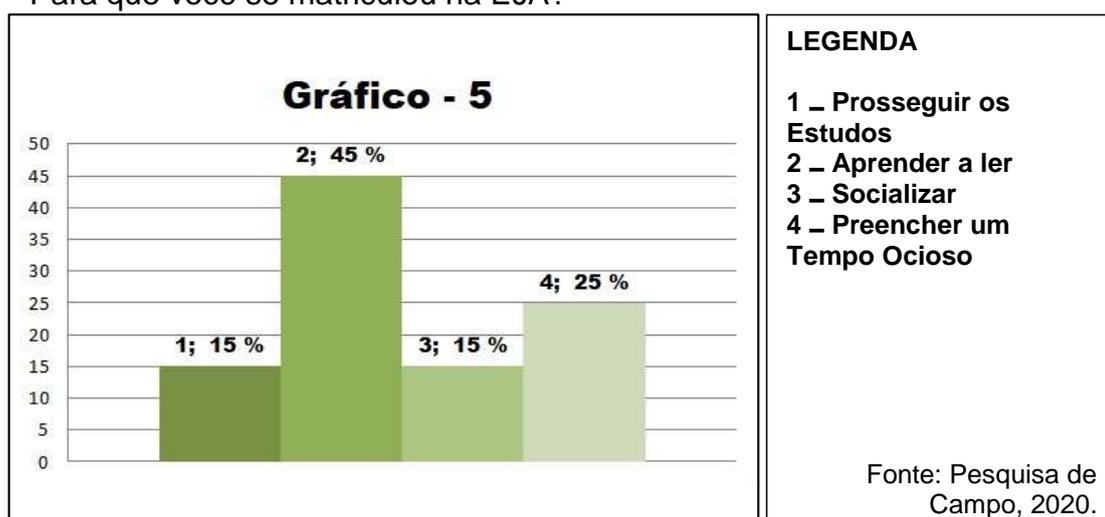


Contudo destacadas, como podem ser observadas no gráfico – 4 é significativamente As alternativas, o engajamento social e a posição conciliadora por parte da escola, om que não chega a ser uma novidade. Afinal, esta, realmente deve ser a postura das instituições escolares no que se refere à Mobilidade social do aluno; ao contrário do que se tem hoje, uma mera especulação burocrática. Nesta especulação, ao invés do aluno ter um problema, ele tem um defeito o de abandonar uma, duas ou mais vezes os estudos.

A locomoção para uma pessoa pobre é algo mais difícil do que se possa imaginar, portanto é uma decisão crucial para escolher gastar dinheiro e tempo para se locomover até a escola e depois ter que voltar; é outro problema sério, eles reclamam tanto da visão como de tudo mais que uma pessoa idosa possa ter de problemas (no caso dos mais idosos). O trabalho é determinante também como muito já foi abordado; por fim, os problemas familiares se acumulam ao longo dos tempos para quem é adulto e precisa estudar.

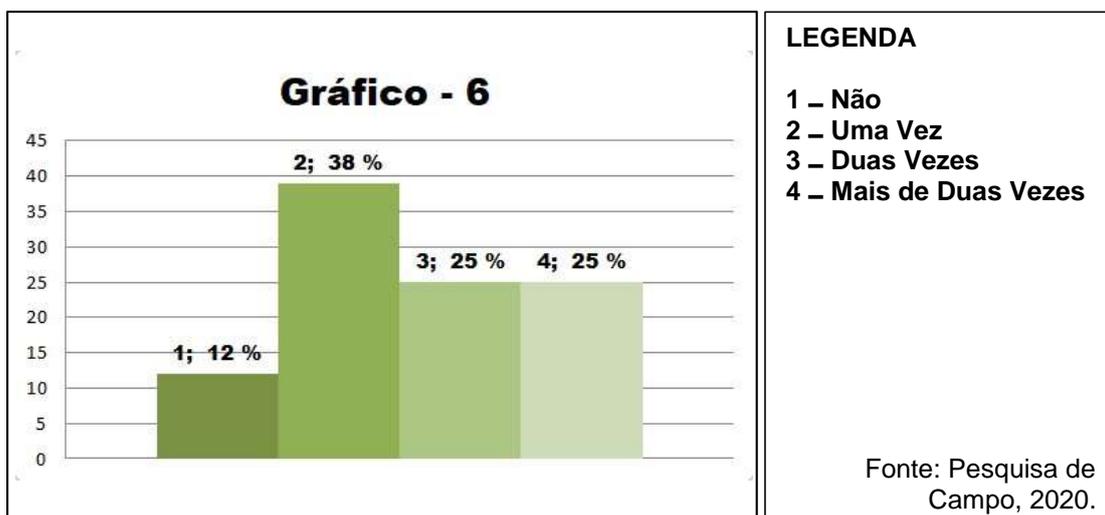
## Alunos

1 – Para que você se matriculou na EJA?



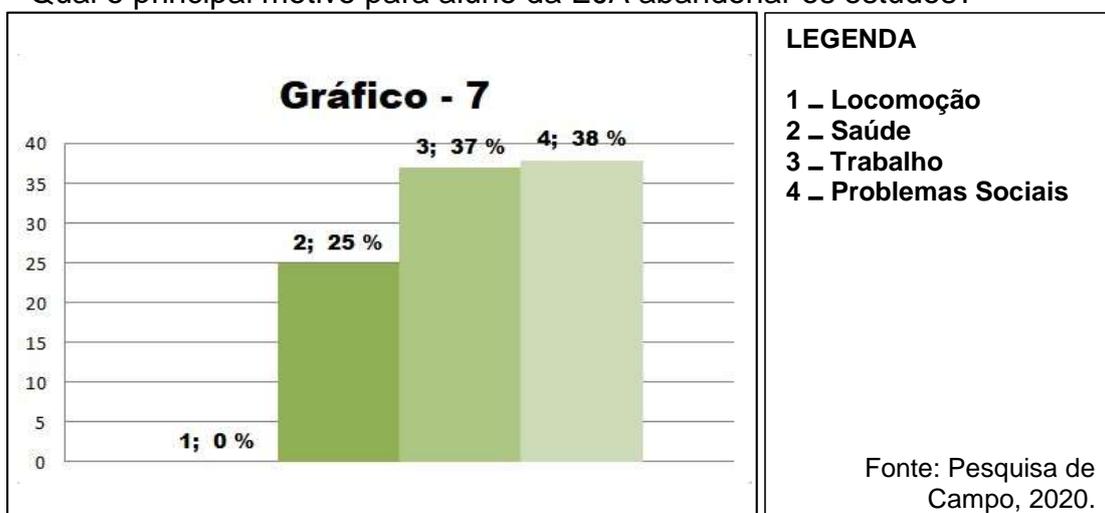
Aprender a ler e a escrever é uma resposta “imbatível” neste caso, mostrando a modestia do pensamento de quem há muito já vem sofrendo com o descaso social. Mas esta resposta também o grave problema de que não existem projetos para sanar o abismo social e o problema do mercado de trabalho.

2 – Você já repetiu algum ciclo da EJA?



O fato dos entrevistados repetido ao menos uma vez mostra o nível de evasão escolar que se tem na rede pública hoje, um número alarmante. Se transformarmos este frio número, em toda sua totalidade, em problemas de Mobilidade será ainda pior. Mas sabemos que há muitos casos e não dá para fazer esta transição sem uma pesquisa mais detelhada; há jovens que já sofrendo com a desestruturação familiar saem pelos mais fúteis motivos da escola e há também aqueles que realmente necessitam evadir-se dela, devendo haver um levantamento em cada escola, porem, estatsticamente ficam juntos estas duas analises.

3 – Qual o principal motivo para aluno da EJA abandonar os estudos?

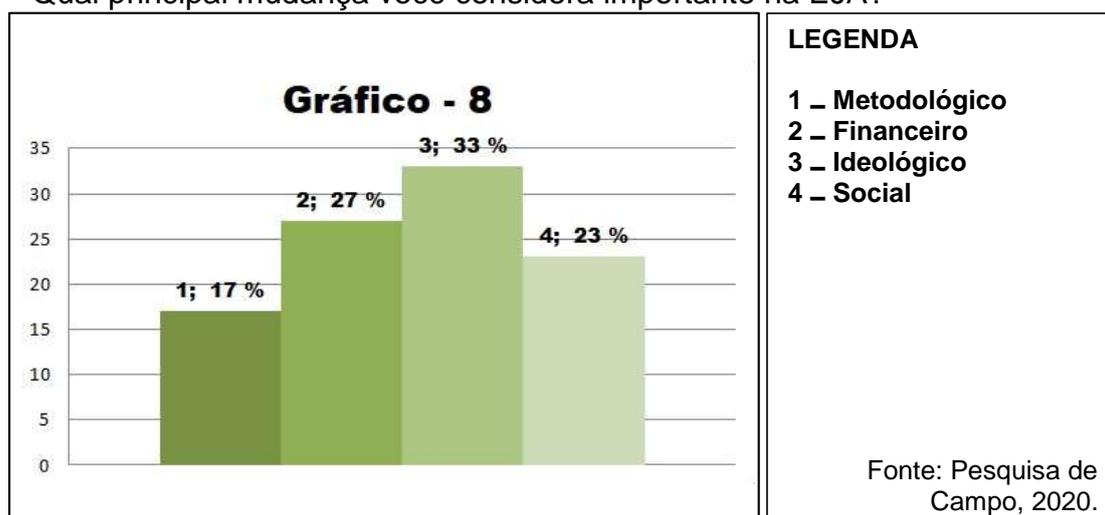


São incompatíveis o cansaço e a obrigação de ter que ir a escola, mesmo assim o aluno da EJA faz um esforço enorme em continuar estudando. Mas ele não deixa de

ser um “enorme esforço”; o que denota uma constante luta e uma eterna escolha entre resolver um problema em casa e ir à escola, gastar o dinheiro para se deslocar ou se cansar em uma bicicleta e não ter forças para ir trabalhar também é outra escolha. E estas contínuas escolhas indesejavéis minam a vontade do estudante em ir à escola, o que acaba sendo um estopim ou uma contagem regressiva para que o aluno deixe de estudar.

Afinal, em seu modo de pensar ele já não precisa estudar, pois ele não vislumbra a melhoria de vida através dos estudos, o que é outra consequência do ciclo nefasto que se perpetua conforme a desestruturação familiar.

#### 4 – Qual principal mudança você considera importante na EJA?



Da mesma forma como o corpo técnico pedagógico, o estudante, basicamente considera todas estas alternativas importantes, mas ele destaca em especial o engajamento social, pois a escola tem o dever de chamar a sociedade para o debate a respeito da Mobilidade do educando da EJA. Este aluno não espera e não precisa ser tratado como um “incapaz”, ele sabe que o processo: ensino – aprendizagem é uma “troca”; ele não quer apenas ouvir uma estória e explanar sobre ela, ele quer contar as suas também.

Ela mesma escola precisa ter visão a respeito dos motivos que levam o aluno abandonarem os estudos. Pode-se lecionar para um aluno da Modalidade EJA de forma mais aberta e dialética, explorado toda sua experiência de vida. Igualmente a qualquer aluno, este aluno precisa ser “conquistado” pelo professor, com uma metodologia sedutora e apropriada para o público em questão, porém, diferentemente

dos alunos de 1º e do 2º ciclo, ele espera estudar em um local que aproveite o que ele sabe.

### 3.3 – Discussões Gerais dos Dados

Observe as tabelas referentes às matrículas, aprovação, desistência e idades dos alunos da EJA na escola: EMEF Paulo Hannemann:

Ano \ Etapas	Matriculados				Aprovados				Desistentes (T-R-outros)			
	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª
2020												
2019	25	12	39	38	12	5	7	17	3	3	31	16
2018	27	25	39	61	9	6	33	20	10	13	4	35
2017	38	19	48	51	18	3	12	18	20	6	30	23

Ano	Aluno mais Velho				Aluno mais Velho				Média de Idade (em anos)			
	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª
2020												
2019	17	25	17	17	72	65	51	36	44,5	45,0	31,0	26,5
2018	19	17	17	17	42	69	42	46	30,5	43,0	29,5	31,5
2017	20	20	17	17	60	42	45	55	40,0	31,0	31,0	36,0

É refletindo, principalmente, neste problema que se nota o papel fundamental da família e do tipo de educação para a formação do caráter, caráter este que fica distorcido e confuso nos alunos que se estudou e que se pesquisou, pois a instabilidade educacional é realmente um evento marcante na vida de um aluno, e o que poderia ser dito de duas, três, quatro ou cinco desistências só no Ensino Fundamental, juntando os anos iniciais e na EJA? Havendo muitos casos de duas transferências no mesmo ano.

## **O Ciclo Vicioso**

E se uma família morar em uma cidade e se mudar por dois meses para outra cidade? O pai, provavelmente, irá levar seus filhos para morar na determinada cidade e após os dois meses, os trará de volta como sendo a coisa mais normal do mundo e nunca tivessem deixado de ir à escola. Esses casos de mais de uma transferência no ano, passam como se fossem evasão, mas não são; são na verdade, viagens dos pais a procura de emprego.

Neste caso se nota que a menina, tomando como exemplo, fala com muita naturalidade que as mudanças de endereço influenciam de forma negativa na sua vida discente, porém ela não demonstra saber ao certo, o quanto isso é ruim para sua vida. Seria negligência desse pai? Ele seria digno de castigo? Certamente que sim, contudo o maior crime deste pai foi o de nascer em uma família carente e provavelmente desestruturada. Aí ele seria digno de pena? Talvez, mas com certeza deva precisar de um acompanhamento psíquico e pedagógico.

Afinal o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente e a LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação nos deixa claro que esta é uma situação ilegal e de relevância criminal. Ao submeter uma criança a isso, o pai não só está ferindo a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no seu Artigo 2º, em que prevê a educação como responsabilidade da “família” e do Estado e dá a garantia para todas as crianças, em tempo certo, a educação; e, portanto enquadrado na forma da lei e isso não é o pior mal que pode acontecer.

Pois o futuro profissional das crianças fica seriamente comprometido, futuro que aguarda esta criança como moço pai, aluno da Modalidade EJA que irá continuar o ciclo de seu pai. Então, para se quebrar este ciclo deve ter coragem de se enfrentar o mal do pai no filho e vice-versa. Tal análise, porém ficou prejudicada ao lembrarmos que os dados não estão completos por causa da pandemia do corona vírus, motivo pelo qual os números de 2020 não foram repassados, mesmo os de matrículas, pois mesmos estas foram prejudicadas e parciais.

## **Estatisticamente Fora dos Padrões**

Note-se, por exemplo, que os alunos ainda se matriculam e se transferem muito após os fechamentos das turmas, principalmente nas turmas da Modalidade EJA em que os alunos são ainda mais instáveis, muitos deles se matriculam apenas depois de terem certeza de que não terão funções dadas pelos filhos, por exemplo. Mesmo

assim, outros detalhes ficam comprometidos pelo ano atípico de aulas não presenciais em que poucos alunos da EJA mantêm contatos com a escola.

Mensurar e classificar pessoas não são tarefas fáceis, na verdade a relatividade que existe em relação, tanto a entrada e saída de alunos de uma classe pode ser desfavorável para alunos da Modalidade EJA, pois as escolas também são burocraticamente e logisticamente direcionadas a Modalidade Regular e, por ela é regida a prática diária. Ou seja, um aluno que estava em qualquer outra modalidade, sempre terá sua documentação adaptada ao histórico do Regular, seja por praticidade ou simples padrão.

Mas estatística não é o pior dos problemas, uma vez que ela reflete o desempenho de algo, tanto a evasão como o simples abandono das aulas das turmas da EJA está principalmente ligado à condição sociocultural e econômica específica de cada aluno, como a abordagem metodológica inapropriada. Sendo que no primeiro caso não há muito que se fazer didático e pedagogicamente além de denominar e classificar conforme as especificidades inerentes ao público alvo de forma mais realista e sensível.

Já onde se pode, na realidade, se deve fazer alguma coisa é no segundo caso, pois certamente a modalidade em questão nasce em conformidade com um público alvo já estabelecido, não cabendo adaptações como se percebe no redirecionamento de materiais, conteúdos e atividades do Regular. Sim, se percebeu na pesquisa que professores utilizam livros que não são da EJA em aulas de turmas dessa modalidade, a maioria afirmou ser mais prático que confeccionar um material condensado voltado para a uma turma.

### **A Infantilização da Metodologia da EJA**

Certamente um profissional sempre almejará manter seu trabalho o maior tempo possível com a melhor visão possível de seu trabalho; mesmo falando-se que um trabalhador possa ser relapso, desinteressado ou outra coisa qualquer, a grande maioria ainda deve seguir ao código de ética que todo grupo de profissionais devem seguir. Então fica a pergunta em aberto: porque os professores da Modalidade EJA não ministram aulas metodologicamente preparadas, especificamente para o público alvo proposto?

Houve relato nas entrevistas abertas que os professores não gostam dos livros da EJA porque omitem fatos e matérias importantes de cada disciplina, ou seja, os

professores acostumados com os livros, com a grade e com a sequência didática do Ensino Regular, sentem dificuldades em se adequar. Ou ao menos é isso que transparece a quem colhe os dados de alguém que deveria ser um profissional qualificado pedagógica e didaticamente para trabalhar os diversos casos e públicos, na verdade se acomoda em práticas pragmáticas e instintivas.

Mesmo um aluno do 9º ano do Ensino Fundamenta ainda é um adolescente e não possui muita coisa em comum até com aquele jovem estudante da EJA que já possui um trabalho e uma família, contudo os professores desta modalidade, quase sempre trabalham, também com os Anos Iniciais. Outro problema detectado além da comodidade é a falsa impressão que o Ensino Regular seja a base metodológica para as outras, e não é, pois as outras modalidades surgem “naturalmente” como resposta a públicos específicos.

Dessa forma, trazer o que é ensinado no Ensino Regular pode desanimar o aluno da EJA, por exemplo, uma receita de bolo que é posta ao aluno apenas como modelo (que muitas vezes nem funciona) para se desenvolver a gramática e a ortografia, pode na EJA ser a proposta de cada aluno escrever a sua receita. Outro exemplo são as avaliações, repletas de temas infantilizados e pouco crítico, como as provas de Artes que são pinturas dos personagens do folclore, que na turma da EJA poderia ser os alunos contando as histórias, muito mais cabível.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Certamente que todas as pessoas buscam a harmonia e o bem-estar; todos procuram o sucesso na vida. Porém, os conceitos e as graduações divergem de pessoas para pessoas, divergências que não podem ser tidas como deméritos ou obstáculos para um ou outro cidadão e motivo de benefícios sociais para um ou outro. Afinal a sociedade é composta por pessoas de diferentes etnias religiões, procedências e outras características.

Esta heterogeneidade é que produz os diferentes tipos de pessoas serviços e pessoas que formam uma sociedade. Seja o pedreiro suas habilidades e seus serviços, sejam o médico suas habilidades e seu serviço seja o professor suas habilidades e seus serviços. De maneira que darmos uma esdrúxula importância a um e minimizar a importância de outro causa problemas sociais difíceis de resolver e que só aumenta com o tempo.

Todo cientista humano deve estar pronto a servir a sociedade de forma científica e social, no que diz respeito às suas responsabilidades como cidadão. Responsabilidade que não pode ser jamais ser diminuída de nenhuma forma, nem pelo fato de ser um profissional ou de servir a uma instituição; de maneira que é prioritário que nós do curso... Temos o dever de interferir na escola e na sociedade promovendo a cidadania e a igualdade social através de novos métodos que a todo o momento surge e que torna o trabalho do educador cada vez mais eficiente.

Por isto, é imprescindível que o educador saiba lidar com o novo para que seu trabalho seja reconhecido. Particularmente nos incomoda vê que muitos discursos de sala de aula das faculdades e universidades sejam abandonados por profissionais que se dobram as conveniências burocráticas das instituições. Deixando de lado aquele ímpeto de mudar e de melhor em troca da vã continuidade do estado de coisas.

Um trabalho de conclusão de curso é a oportunidade que o formando tem para buscar sua autonomia teórica e desenvolver sua técnica didática e metodológica; de tal forma que este trabalho nos engrandece como alunos que estão saindo de um curso de Ciências Humanas. Mas o maior ganho foi como futuros profissionais; uma vez que já atuamos em escolas da rede pública, porém a visão que nos foi impetrada pelo curso de ver o que tanto tocamos, realmente foi algo novo.

E é a este “misto” de profissional e aluno, que entra com a cabeça cheia de ideias novas e de mudanças que nunca devemos deixar morrer dentro de nossos corações. Sempre com o espírito crítico e criativo, porém com técnicas metodológicas e teorias comprovadamente corretas e dinâmicas, pois as mudanças que ocorrem no mundo atual são frenéticas e querem profissionais atentos para mudar aquela antiga visão da escola como “alienígena distribuidora de diplomas”.

O profissional da educação é basicamente um promotor de ideias; ideias pedagógicas e didáticas oriundas de um sistema educacional que se renova a cada dia. Desta maneira, é fundamental que o profissional em suporte técnico pedagógico

e mesmo o profissional educador entre em contato com este mundo, de formação e distribuição de ideias pertinentes ao ato de educar.

Isso porque as grandes ideias e tendências que se aperfeiçoam ao longo da história, culminam na sala de aula e na própria escola em forma didáticas e metodológicas que constituirão a “caixa de ferramentas” do profissional da educação. Não cabendo ao educador àquela postura retrograda que nos deixou a herança do antigo positivismo comtiano; onde ainda existem vários professores que se limitam a avaliar de forma quantitativa.

Diante do estudo aqui realizando, encontrou-se pontos importantes à serem mundos na Modalidade EJA, sendo a problemáticas e as hipótese aqui levantadas, todas ratificadas. Existe uma necessidade urgente de se levar em conta que a atenção dada a um adulto deve levar em conta que ele possui noções geográficas, políticas sócias; talentos, habilidades e competências mas desenvolvidas que as de uma crianças e que devem ser exploradas.

Por outro lado, a EJA se mostrou uma modalidade de ensino muito importante para o contexto geográfico-político e social brasileiro que ainda não consolidou totalmente a oferta da educação com qualidade e padronização que a democracia exige. Nota-se positivamente que a modalidade se tornou um “refúgio” que agrega jovens, adultos e idosos com diferente problemas e objetivos em um grupo democrático de pessoas que não desistem.

## **REFERENCIAS**

ARAUJO, Jose Carlos Souza. Do quadro negro à lousa virtual: técnicas, tecnologia e tecnicismo. In VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.) Técnicas de ensino: Novos tempos, novas configurações. Campinas: Papirus, 2006. (p. 13-48)

ÁVILA, Fernando Bastos. Pequena enciclopédia de moral e civismo. Brasília: MEC, 1992.

BORUCHOVITCH, E. A motivação para aprender de estudantes em cursos de formação de professores. Revista Educação, v. 31, n. 1, p. 30-38, Porto Alegre, jan./abr. 2008.

BRASIL, Decreto nº 6093 de 24 de abril de 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Trabalho Com a educação de jovens e adultos: alunas e alunos da EJA. Brasília: MEC, 2006. (Cadernos da EJA, n.1). Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja\\_caderno1.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf)>. Acesso em: 09 maio 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Parecer n. 11, de 09 de junho de 2000. Brasília: MEC, 2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: < [http://www.forumeja.org.br/files/legislação%202\\_0.pdf](http://www.forumeja.org.br/files/legislação%202_0.pdf) >. Acesso em: 02 abr. 2010.

BRITO, Raimundo Mendes de. PROGRAMA DE INTERGAÇÃO MINERAL NO MUNICIPIO DE PAU D'ARCO. Ministério de Minas e Energia; Governo do Estado do Pará. Belém, 1996.

CALADO, M. J. A Inclusão de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais na Educação de Jovens e Adultos. 2008.

Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT01-2013/AT01-043.pdf>

CATELLI JR, Roberto; HADDAD, Sérgio; RIBEIRO, Vera Masagão (Orgs.) Educação de Jovens e Adultos: insumos, processos e resultados – São Paulo: Ação Educativa, 2014, 1ª edição.

CAMARGO, E.A.S.P. et al. (2003). Educação: de direito de cidadania a mercadoria. Educação & Sociedade, 24(84), 727-731.

COLL, César (org.). O construtivismo na sala de aula. 3ª ed. São Paulo: Atica, 2007.

CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba. V. 4. Curitiba, 2006. Disponível em: <<http://www.cidadedoconhecimento.org.br/cidadedoconhecimento>>. Acesso em: 21 Ago. 2010.

EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. **O Currículo na Educação de Jovens e Adultos:** entre o formal e o cotidiano numa escola municipal em Belo Horizonte. Belo Horizonte: PUC/MG, 2004 (Dissertação de Mestrado em Educação)

FALSARELLA, Ana Maria. Formação continuada e prática de sala de aula: os efeitos da formação continuada na atuação do professor. Campinas: Autores Associados, 2004.

FILHO, Geraldo Francisco. Panorâmica das Tendências e Práticas Pedagógicas. 2ª ed. rev. Campinas, Átomo, 2011.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Pedagogia da autonomia. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GUTIERREZ, F. Educação como práxis política. São Paulo: Smmus, 1998.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 14, p. 108-130, 2000.

Ivic, Ivan. Lev Semionovich Vygotsky / Ivan Ivic; Edgar Pereira Coelho (org.) – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

MARQUES, Poliane de Oliveira. Histórico de jovens e adultos (EJA) no Brasil: breves reflexões. / Poliane de Oliveira Marques. – João Pessoa, 2018.

MATTOS, Luiz Alves de. Primórdios da educação no Brasil: o período heróico (1549-1570). Rio de Janeiro: Aurora, 1958.

NOGUEIRA, Lucia Rodrigues; FARIAS, Adriana Medeiros MARQUES, Poliane de Oliveira. Histórico de jovens e adultos (EJA) no Brasil: breves reflexões. O docente da educação de jovens e adultos e o desenvolvimento de suas ações pedagógicas, 2013. <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2\\_013\\_uel\\_gestao\\_artigo\\_lucia\\_rodrigues\\_nogueira.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2_013_uel_gestao_artigo_lucia_rodrigues_nogueira.pdf)> Acesso em: 16 jun. 2016.

PAIVA, V. Educação Popular e Educação de Adultos. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

PLÁCIDO, Lara Ribeiro de; SOUZA, Tiago Bittencourt de. O MÉTODO PAULO FREIRE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES. REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DA PEDAGOGIA – ISSN: 1678-300 Ano XVI – Número 28 – janeiro de 2017 –Garça/SP.

QUEIROZ, Cecília Telma Alves Pontes de; MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. Fundamentos sócio-filosóficos da educação – Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.  
[http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/fundamentos\\_socio\\_filosoficos\\_da\\_educacao/Fasciculo\\_06.pdf](http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/fundamentos_socio_filosoficos_da_educacao/Fasciculo_06.pdf)

RAYMUNDO, Gislene Miotto Catolino. Os princípios da modernidade nas práticas educativas dos jesuítas. 1998. 143 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá.

SAVIANI, Dermeval. (2010) História das Idéias Pedagógicas no Brasil. 3ª ed. Campinas, Autores Associados.

SAVIANI, Dermeval. (2008) Pedagogia Histórico-Crítica. 10ª ed. Campinas, Autores Associados.

SHIROMA, E. O.; LIMA FILHO, D. L. Trabalho docente na Educação Profissional e Tecnológica e no PROEJA. Educação & Sociedade, Campinas, v. 32, n.116, 2011.

SILVA, Natalino Neves da. Juventude Negra na EJA: o direito à diferença / Natalino Neves da Silva. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sonia; O debate Piaget/Vygotsky e as políticas educacionais. IN: Cadernos de Pesquisa nO 77. São Paulo: Cortez, FCC, 1991, p.69-81

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 de dezembro, 1991.

[http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015\\_1991\\_00121.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1991_00121.pdf)



# ANEXOS

**ANEXO –**

**1**

ANEXO –

EMEF PAULO HANNEMANN  
PAU D'ARCO - PA

  
**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ — UNIFESSPA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO-FACED**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

Marabá, 11 de abril de 2019

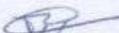
Da: Faculdade de Ciências da Educação

Para: ESCOLA:

Prezada Diretora,

Venho respeitosamente encaminhar a V. Sra. a aluna Marines Ribeiro de Brito mat<sup>201640919098</sup> regularmente matriculada no curso de Pedagogia Parfor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, com o objetivo de realizar pesquisa de campo para fins de elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso-TCC. Informamos que a presença do estudante dentro desta unidade de ensino resume-se a coleta de dados para fins pesquisa científica na condição pesquisador.

Na certeza de contar com sua atenção, desde já, nos sentimos agradecidos!

  
Prof.<sup>a</sup> Leonilda Gomes Cavalcante  
Diretora  
Decreto de nº 035/2017 GPM/FPD

Profa. Dra. Terezinha Pereira Cavalcante/SIAPE-2452662  
Orientadora

ANEXO –

2

 ESTADO DO PARÁ  
PREFEITURA MUNICIPAL DE PAU D'ARCO  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA – SEMEC/PD-PA  
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PAULO  
HANNEMANN

INEP: 15573095

**Declaração** EMEF PAULO HANNEMANN  
PAU D'ARCO - PA

Declaramos para os devidos fins que o (a) aluno (a) **MARINÉS RIBEIRO DE BRITO**, nascido (a) em **28/11/1974** na cidade de **CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA** filho (a) de **DOMINGOS SOUSA BRITO e MARIA RIBEIRO DE BRITO, RG: 311667 SSP/PA, CPF: 594.794.692.00**, a mesma compareceu a esta Instituição de Ensino nos dias 22 e 23 de setembro para coleta de dados referente aos anos 2018 e 2019 de alunos matriculados, aprovados, reprovados, desistentes e transferidos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Por ser verdade firmo e assino o presente.

Pau D'arco, 23 de outubro de 2020.

Secretário (a) N° Aut. ou Reg. Diretora (a) N° Aut ou Reg.

Dir. Leuzisla Gomes Cavalcante  
Diretora  
Secretaria de nº 035/2017 - GPM/PA

Sediada a: Av. Vivaldo Lima Nunes, 138 – Setor Paraíso – CEP 68.545-000 - Pau D'Arco – PA AFS/D

3

## ANEXO –

Reformas na escola do Ensino Fundamental fizeram com que a Modalidade EJA funcionasse a tarde na escola do médio, prova a adaptação.



Houve aluno que não ficou na turma, pois esperava que a turma da EJA funcionasse à noite, como acontece regularmente. Também nos horários de descontração e recreio, os alunos sentem-se envergonhados e tímidos de interagir com alunos do Ensino Médio.



De certa forma, a merenda e lanches esporádicos se tornam a maior das formas de descontração da turma. as de interação e

**ANEXO –**





As tarefas, atividades e quase tudo em relação a ações metodológicas são didaticamente e pedagogicamente equivocadas, por não serem especificamente voltadas para o público alvo. Elas são, na maioria das vezes reaproveitamentos de materiais, conteúdos e métodos aplicados a crianças da Modalidade Regular.

Não seria muito mais produtivo e interessante, por exemplo, explorar as experiências e vivências de cada um por meio de estórias e contos de cada aluno? O folclore é uma matéria que pode ser muito mais sedutora a um adulto que as atividades feitas para crianças.





O respeito e a reverência aos mais velhos, que tanto conduzem a roda de oração como a construção da horta escolar e dos cantinhos verdes da escola que entrará em reformas.

Há duas alunas especiais que possuem uma monitora além de atendimento na Promoção Social uma vez por semana.

A turma recebendo visitas dos formandos de Licenciatura plena em Pedagogia UNIFESSPA – 2020.



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Setorial do Instituto de Estudos do Trópico Úmido**

---

Brito, Marínes Ribeiro de

Uma análise da modalidade eja: evasão e o abandono no município de Pau D'arco-PA / Marínes Ribeiro de Brito ; orientadora, Terezinha Pereira Cavalcante. — Xinguará : [s. n.], 2020.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências Humanas, Curso de Pedagogia, Xinguará, 2020.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Abandono. 3. Evasão escolar. 4. Metodologia. I. Cavalcante, Terezinha Pereira, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 374.012

---

Elaborada por Maria José Pereira da Silva - CRB2/1707